

II SÉRIE
n.º 7
OUTUBRO 1977
PREÇO 15\$00

REVISTA PORTUGUESA DE **xadrez**



XADREZ AO VIVO EM CORROIOS

SUMÁRIO

- 99 Uma iniciativa dos jovens de Corroios
100 Lenda diabólica
100 Concurso internacional de composição — tema «Margarida»
101 Nacional
102 A debilidade fixada
103 O Mundial de Juniores
104 Bibliografia
105 O ataque ao roque
106 Romanichin em Portugal
108 A importância do final
109 O XXXIII Nacional Absoluto
110 Leninegrado
112 Secção de consulta
113 Vem aí o Spasski-Korchnoi
114 A cilada na abertura
116 Para resolver

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — Sede da redacção e administração: Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1 — Tels. 53 90 27/8.

Director: Simões Nunes — Corpo redactorial: Alvaro Pereira, Armando Aragão, Daogberto Markl, José Oliveira, José Pereira dos Santos, Luís Santos, Rui Nascimento, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Victor Silva (chefe de Redacção) — Colaboram neste número: Américo Costa, Fernando Silva, João Sequeira, Joaquim Brás Serra, Manuel Valadares, Rui Pereira — Correspondentes: Faria de Bastos, Manuel Matos, Pedro Palhares, Vladimiro Miranda — Fotografia: Alvaro Fernandes.

Administrador: Gonçalo Leal — Administrador-adjunto: Agostinho Roxo — Contabilidade: José de Almeida.

Composição e impressão: Gráfica Progressiva de Cacilhas, Lda. — Rua Carvalho Freirinha, 63-A — Cacilhas — Tel. 275 14 94

Tiragem: 6.500 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 15\$00 — Assinatura semestral: 80\$00 — Assinatura anual: 150\$00.

EDITORIAL

Quando o leitor tiver nas mãos este número 7 da R. P. X. está a desencadear-se, em todo o país, a maior operação xadrestística até hoje tentada a nível nacional: *O Torneio do Cinquentenário da Federação Portuguesa de Xadrez*.

Será o resultado do esforço máximo que a Federação, Associações e Clubes, todo o xadrez federado, em perfeita conjugação de forças, está neste momento em condições de desenvolver.

Pretende atingir-se, além do campo de acção onde já se pratica o xadrez de competição, aquele outro, muito mais vasto, das empresas, escolas, pequenos clubes, associações diversas, recreativas, culturais, de classe, de moradores, etc., todos os locais, enfim, onde o pequeno tabuleiro das 64 casas possa ser utilizado.

Para o conseguir haverá uma primeira fase em que se disputarão torneios em quantos locais haja meia dúzia de xadrezistas dispostos a competir.

A segunda fase, a nível distrital, englobará os apurados de todos esses torneios. O número de concorrentes e a localização do torneio distrital dependerá de factores peculiares de cada Distrito: Número inicial de inscrições, apoio para deslocações e estadia, etc. A duração do torneio será sempre a de um fim de semana, para o que se utilizará o sistema suíço, e a organização estará a cargo da F. P. X. ou Associações.

A final, organizada pela F. P. X. em Dezembro, englobará o maior número possível de apurados dos tor-

neios distritais, que terão direito a despesas de deslocação e subsídio de alojamento, no local, a determinar, da grande concentração nacional. Haverá ainda prémios para todos estes concorrentes.

Como não é difícil de intuir, do êxito desta gigantesca operação dependerá o futuro do xadrez em Portugal e a dimensão que ele virá a ter nos próximos anos.

E esse êxito dependerá do apoio e assistência que os xadrezistas actuais lhe derem. Nos locais onde trabalham, escolas, empresas, fábricas, etc., nos locais onde convivem, centros sociais, clubes recreativos, casas do povo, cafés e tantos outros, nos locais de residência, ruas, bairros, vilas, aldeias, etc.

Apelamos por isso para quantos se interessam por estas coisas do xadrez no sentido de colaborarem nesta iniciativa. A ajuda a dar pode revestir-se de qualquer das seguintes formas:

— Propagandear o torneio de forma a conseguir um maior número inicial de inscrições. Muitos xadrezistas, alguns bem dotados, não se inscrevem por temer que a sua força seja ridícula. Fazer-lhes ver que este torneio É PARA TODOS.

— Contribuir para o êxito dos torneios distritais, os mais difíceis para os organizadores, em alguma das três modalidades:

a) Organização do torneio. (Existirá em cada Distrito um enviado da Federação ou Associação de Xadrez mais próxima mas ele necessitará de ajuda.)

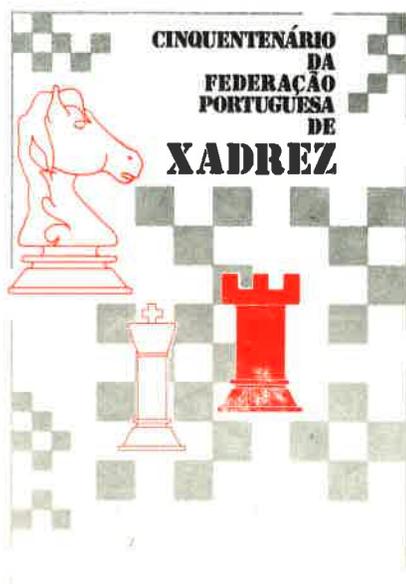
b) Angariação de transportes para a deslocação dos jogadores do local de residência ao do torneio distrital. (Boleias, descontos em camionagem, etc.)

c) Angariação de alojamentos, no local do torneio distrital, para o fim de semana em que se disputa o torneio. (Casas particulares, descontos em pensões, instituições dispostas a conceder alojamento).

A Revista Portuguesa de Xadrez editou um número especial, gratuito, em que todas as indicações são dadas e que inclui o Boletim de Inscrições.

Enviá-lo-emos a quantos no-lo pedirem.

Leitor Amigo: Inclua-se no número dos que, neste momento, em Portugal, trabalham para que o xadrez seja uma realidade no nosso país.



Uma iniciativa dos jovens de Corroios



Aspecto da partida ao vivo

Integrado nas festas populares do 1.º aniversário da sua promoção a freguesia, realizou-se no passado dia 11 de Setembro, em Corroios concelho do Seixal, uma partida de Xadrez ao Vivo, iniciativa dos jovens locais, com apoio e organização do Grupo de Xadrez da Casa do Povo de Corroios.

Como director deste grupo, coube-me a grata missão de orientar os trabalhos destes jovens, sendo de enaltecer todo o apoio que a direcção desta Casa do Povo nos concedeu.

Iniciaram-se os trabalhos: de cartolina, desenharam-se e pintaram-se bonitos cabeçalhos de figuras xadrezísticas, de canas e setas de cartão, fizeram-se lanças e bengalas e de baratos panos de lençol fizeram-se as vestimentas.

Todo este trabalho artesanal, veio quanto a mim, reforçar o valor da iniciativa, pois além de excelente divulgação de xadrez, os miúdos e miúdas, com idades entre os 8 e 17 anos, puderam dar largas à sua imaginação, no que respeita a pintura, desenho e trabalhos manuais, por isso considero esta iniciativa uma das mais válidas, talvez até inéditas, nas camadas mais jovens.

Tive a preocupação de seleccionar uma partida, em que quase todas as figuras se movimentassem, permitindo assim, que todos tivessem a sua quota parte de actividade na partida, deixando para segundo plano o nível técnico que a mesma pudesse ter.

Feitos ensaios e preparativos finais, houve

miúdas que não queriam aceitar o bigode de peão ou barbichas de bispo, enquanto outros queriam bigodes prolongados e retorcidos; mas torneadas estas dificuldades, lá se dirigiram para a porta da Casa do Povo, aonde os esperavam os Bombeiros Voluntários de Cacilhas, com a sua fanfarras.

Pelas 17 horas, os dois «exércitos», garbosamente perfilados, com a alegria estampada nos seus rostos, *a contrastar com a tristeza daqueles que não puderam alinhar na partida*, desfilaram pelas ruas da povoação ao som de «marcha de guerra», até ao «Campo de batalha», previamente pintado no centro do arraial da festa *por meia dúzia de pais*, orgulhosos por terem, de algum modo, contribuído para a festa dos seus filhos.

Feita a apresentação individual de todas as figuras, iniciou-se a partida.

Eu conduzi as brancas e Jorge de Carvalho as pretas e os comentários estiveram a cargo de Manuel de Almeida. Quando uma figura era tomada, lá apareciam os bombeiros com uma maca para retirarem o «morto» do «campo» ao som de música.

À medida que a partida ia prosseguindo, um belo exemplo se me deparou, pois a traquinisse, própria da sua idade, converteu-se, como por encanto, em correctos, elegantes e apurados movimentos, nem o sol abrasante que se fez sentir durante aquela hora e meia, os fez desviar da missão que todos apostaram cumprir.

Seguiram-se duas séries de simultâneas conduzidas por Manuel de Almeida e Gra-

de, jogadores almadenses, tendo-se registado 3 vitórias em 25 tabuleiros, lógico, pois quase todos os simultaneados eram jovens estreantes até aos 17 anos, de registar que uma das vitórias foi conseguida por uma miúda de 12 anos.

Sinto a validade deste trabalho, pois há dias um amigo disse-me: «Sabes que tive de comprar um jogo de xadrez à minha miúda? E o engraçado é que eu e minha mulher já sabemos também jogar, graças à nossa filha».

Quando chego do emprego, por volta das 19 horas lá estão o Fernando, o Jorge, a Anabela, o Filipe e outros a aguardar a minha chegada, e lá nos dirigimos para a Casa do Povo treinar numas aberturas e finais; de vez enquanto aparecem «caras novas» talvez recomendados pelos jovens amigos, interessados em saber como salta o cavalo, como se chamam as peças, etc. aparece logo um voluntário para ensinar o novo aluno e lá estão eles, no dia seguinte. *Quantos destes jovens não há nas escolas? Porque não vemos estes lá?*

Deixo à consideração das entidades responsáveis pela massificação social desportiva e, neste caso, pelo xadrez, o que se está a desenvolver nesta localidade, fazendo votos porque o exemplo seja seguido por esse Portugal fora, acreditando que este é um dos meios válidos para a transformação da sociedade portuguesa no sentido positivo.

JOAQUIM BRÁS SERRA

A nossa capa

Tínhamos pensado dedicar esta nossa primeira capa a cores à visita a Portugal do GM Oleg Romanichin. Não é todos os dias que recebemos visitantes de tal craveira, e a simpatia e o virtuosismo do moço vencedor de Leningrado justificavam-no plenamente.

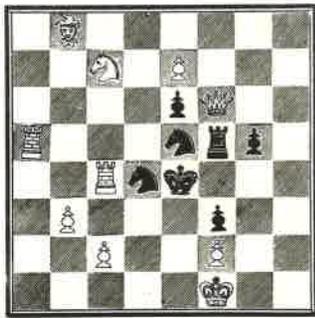
Mas, entretanto, aconteceu Corroios... Uma partida ao vivo, de «egerção espontânea», idealizada e realizada pelas pessoas da Casa do Povo. Para nós, a alegria de ver despontar aquilo que, há alguns anos, temos tentado fomentar: o gosto pelo xadrez, principalmente nas camadas jovens e meios populares.

É claro que não hesitámos na substituição, de tal modo se torna evidente ser a participação das populações o verdadeiro motor de um processo de desenvolvimento do xadrez.

Do que foi o acontecimento de Corroios encontra o leitor, nesta página, a simpática reportagem que um dos intervenientes, Joaquim Brás Serra, que é o principal animador do núcleo de xadrez da Casa do Povo, fez o favor de nos enviar. Os nossos agradecimentos e um grande abraço da RPX aos jovens xadrezistas.

Lenda diabólica

Na sua época, Paolo Boi, o Siracusano, foi, juntamente com Ruy López de Segura e Damião de Odemira, um dos melhores jogadores de xadrez do mundo. Conta-se que se encontrou um dia com uma dama de rara e deslumbrante beleza por quem ficou vivamente embeicado. Conversaram longamente até que a dama, para surpresa de Paolo, o desafia para uma partida amigável de xadrez. Paolo pensou em recusar, dada a sua força, mas, perante a insistência da dama, sentaram-se ao tabuleiro frente a frente. Não tardou muito que o siracusano verificasse com admiração que a dama para além da sua beleza deslumbrante e da sua vasta cultura era também uma jogadora respeitável! Após uma luta encarniçada, através duma combinação estonteante daquelas a que ninguém pode resistir, chegou-se à posição do diagrama. Paolo, que tem o lance, anuncia à bela mate em dois lances.



Mas eis que quando se prepara para rematar a partida verifica embatucado que a sua dama branca, numa manobra nunca antes vista no tabuleiro, se transforma em preta «Céus, exclama o de Siracusa, a peça mais forte desertou e passou-se para o inimigo». Durante uns bons minutos o jogador não sabia o que fazer tal era o seu espanto. A dama ria baixinho, ria, ria. Após ter estudado a posição Paolo anuncia: «Não faz mal. Mesmo assim mate em dois».

Problema 1: Chave 1. Cxe6

Problema 2: Chave 1. Cb5

A fascinante mulher ao verificar a inevitabilidade do mate esfumou-se enfurecida deixando no local um intenso cheiro a enxofre. Paolo Boi tinha vencido o próprio Diabo.

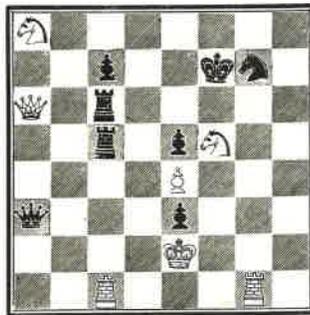
Após a sua derrota, o Diabo cismava no inferno. Não dormia, tinha pesadelos angelicais e fremia em desejos de vingança. Obteve os melhores livros de teoria e durante quinze dias não fez outra coisa senão estudar, estudar. Tudo muito bem assimiladinho, desceu à Terra e não lhe

foi difícil encontrar Paolo. Desta vez já vinha no seu traje cerimonial: rosto e patas de bode e rabo com ponta de seta, bem penteado e exalando um cheiro nauseabundo. O Siracusano assim que o viu ficou naturalmente estarrecido. Engoliu em seco, tentou pronunciar o famoso «Vade retero satana...» mas como calculam o amor pelo xadrez sobrepôs-se ao temor pelo Diabo. Aceitou o desafio. A partida decorreu no grupo de xadrez de Siracusa perante numerosa assistência..

Desta vez tocava ao demónio jogar de brancas. Este escolheu uma variante muito aguda (que infelizmente a lenda não registou) e Paolo verificou ao fim de alguns lances que Satanás vinha muito bem preparado. Com algumas novidades teóricas e um jogo muito activo a sua vantagem ia inexoravelmente alargando-se. O Siracusano tentava opor-lhe uma tenaz resistência mas a defesa não parecia ter sucesso. Até que se chegou à posição do diagrama e o Diabo, muito delicado e cortês, exclamou: «Paolo, tenho o prazer de lhe anunciar um lindo mate em sete lances».

Paolo Boi ficou estarrecido. Estava perdido. Satanás começa o remate final.

Agora só um milagre podia salvar o nosso homem. Quando o Diabo vai executar o sétimo lance uma luz desce sobre o tabuleiro e este, tentando desesperadamente efectuar o lance de misericórdia, não o consegue. O milagre dera-se!



O diabo enfurecido desapareceu para não mais voltar: consta que nunca mais jogou xadrez.

(Veja se descobre como o milagre se deu. Se não conseguir procure nas soluções «por detarás do espelho»).

SOLUÇÕES

Problema 1: 1. Cxe6 2. Txd4 3. Txe6 4. Txd4 5. Cxd4 6. Rg8 7. Rg7 8. Rg6 9. Rg5 10. Rg4 11. Rg3 12. Rg2 13. Rg1 14. Rg0 15. Rg-1 16. Rg-2 17. Rg-3 18. Rg-4 19. Rg-5 20. Rg-6 21. Rg-7 22. Rg-8 23. Rg-9 24. Rg-10 25. Rg-11 26. Rg-12 27. Rg-13 28. Rg-14 29. Rg-15 30. Rg-16 31. Rg-17 32. Rg-18 33. Rg-19 34. Rg-20 35. Rg-21 36. Rg-22 37. Rg-23 38. Rg-24 39. Rg-25 40. Rg-26 41. Rg-27 42. Rg-28 43. Rg-29 44. Rg-30 45. Rg-31 46. Rg-32 47. Rg-33 48. Rg-34 49. Rg-35 50. Rg-36 51. Rg-37 52. Rg-38 53. Rg-39 54. Rg-40 55. Rg-41 56. Rg-42 57. Rg-43 58. Rg-44 59. Rg-45 60. Rg-46 61. Rg-47 62. Rg-48 63. Rg-49 64. Rg-50 65. Rg-51 66. Rg-52 67. Rg-53 68. Rg-54 69. Rg-55 70. Rg-56 71. Rg-57 72. Rg-58 73. Rg-59 74. Rg-60 75. Rg-61 76. Rg-62 77. Rg-63 78. Rg-64 79. Rg-65 80. Rg-66 81. Rg-67 82. Rg-68 83. Rg-69 84. Rg-70 85. Rg-71 86. Rg-72 87. Rg-73 88. Rg-74 89. Rg-75 90. Rg-76 91. Rg-77 92. Rg-78 93. Rg-79 94. Rg-80 95. Rg-81 96. Rg-82 97. Rg-83 98. Rg-84 99. Rg-85 100. Rg-86 101. Rg-87 102. Rg-88 103. Rg-89 104. Rg-90 105. Rg-91 106. Rg-92 107. Rg-93 108. Rg-94 109. Rg-95 110. Rg-96 111. Rg-97 112. Rg-98 113. Rg-99 114. Rg-100 115. Rg-101 116. Rg-102 117. Rg-103 118. Rg-104 119. Rg-105 120. Rg-106 121. Rg-107 122. Rg-108 123. Rg-109 124. Rg-110 125. Rg-111 126. Rg-112 127. Rg-113 128. Rg-114 129. Rg-115 130. Rg-116 131. Rg-117 132. Rg-118 133. Rg-119 134. Rg-120 135. Rg-121 136. Rg-122 137. Rg-123 138. Rg-124 139. Rg-125 140. Rg-126 141. Rg-127 142. Rg-128 143. Rg-129 144. Rg-130 145. Rg-131 146. Rg-132 147. Rg-133 148. Rg-134 149. Rg-135 150. Rg-136 151. Rg-137 152. Rg-138 153. Rg-139 154. Rg-135

ÁLVARO FERNANDES

Concurso de com -tema «M

Prosseguindo a realização do programa comemorativo do seu 50.º Aniversário, a Federação Portuguesa de Xadrez, através da sua Revista, organiza um Concurso Temático de Composição de Problemas em dois lances, aberto aos compositores nacionais e estrangeiros.

O tema proposto, original e inédito, foi criado pelo redactor desta Secção, e o primeiro exemplo dedicado à memória de sua filha Maria Margarida, e daí o nome escolhido para o novo tema.

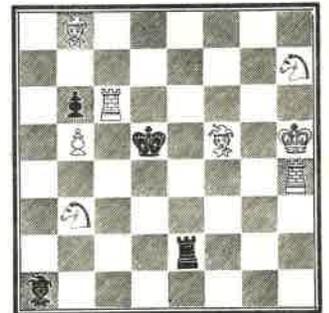
Tema «Margarida»

R. C. Nascimento

«In memoriam» de minha filha

MARIA MARGARIDA

Lisboa — 1974



Solução:

1 Bg3, ameaça 2 Td6

Variantes principais

1... Bd4	2 Txd4	++
1... Be5	2 Be6	++
1... Te5	2 Cf6	++
1... Te4	2 Bxe4	++

Variante temática

1... b2	2 Td6 / Td4	
	Be6 / Cf6	
	Be4	++

Tema «Margarida» — num problema em dois lances, um movimento de peça preta permite, simultaneamente, todos os mates da solução.

Os originais concorrentes deverão ser enviados à Revista Portuguesa de Xadrez, Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º — Lisboa, até 28 de Fevereiro de 1978.

3 prémios (medalhas), menções e recomendados.

Prémio para o melhor problema de autor português.

Juiz: o autor do tema.

Internacional posição «Margarida»

Texte français

Thème «Margarida» — Dans un deux-coups il y a un mouvement noir qui permet, simultanément, tous les mats de la solution.

— Envois à la REVISTA PORTUGUESA DE XADREZ — Rua da Sociedade Farmacêutica, 56 - 2.º — LISBOA, jusqu'au 28 Février 1978.

— 3 prix (médailles), mentions et récompensés.

— Juge: l'auteur du thème.

English text

In a two-moves, a black move permits all the mates of the solution, simultaneously.

— Problems to REVISTA PORTUGUESA DE XADREZ — Rua Sociedade Farmacêutica, 56 - 2.º — LISBOA, until February, 28, 1978.

— 3 prizes (medals), mentions and recommended.

— Judge: the theme's author.

Um novo tema no mundo da composição

O tema «Margarida» recupera artisticamente a ocorrência dos «mates múltiplos» que são um defeito grave quando em problemas de outros temas.

Até ao presente, os compositores viam com horror os «mates múltiplos» e escoraçavam-nos impiedosamente das suas obras como uma «praga» que em certos casos até destruía (demolia) os problemas.

A partir de agora, pode dizer-se, e dentro do novo tema, os «mates múltiplos» serão procurados e considerados efeito artístico, e o lance em que ocorrem tem a mais alta categoria existente na composição, ou seja, é a «variante temática».

Creemos, pois, ter aberto novos horizontes na arte e composição dos problemas de xadrez, e um larguíssimo campo de possibilidades, porque a maioria dos temas conhecidos poderá ser trabalhado no sentido de agrupar numa única variante todos os mates da solução, como exige o tema «Margarida».

Eis a oferta e desafio que aos compositores portugueses e de todo o mundo escaquístico, faz a Federação Portuguesa de Xadrez no ano do seu 50.º Aniversário.

RUI NASCIMENTO

Em Espinho xadrez para todos

Integradas nas Festas de Verão da cidade de Espinho, a Associação Académica de Espinho levou a efeito várias provas, uma simultânea e sessões de divulgação da modalidade.

Classificações:

1.º Torneio Aberto «Cidade de Espinho»

1.º Jorge Guimarães (CDUP) 5 1/2 pontos; 2.º João Andresen (GPX) 5 1/2; 3.º Fernando Castro (VFC) 5 1/2; 4.º José Azevedo (AAE) 5 1/2; 5.º Eduardo Monteiro (GXP) 4 1/2; 6.º Amadeu Loureiro (AAE) 4 1/2; 7.º José Tenreiro (CDUP) 4 1/2; 8.º Jorge Coelho (CDUP) 4; 9.º José Veríssimo (GPX) 4; 10.º Pedro Rocha (AAE) 4; 11.º Bernardino Passos (GPX) 3 1/2; 12.º Fernando Fernandes (CDUP) 3 1/2; 13.º Carlos Prezado (CDUP) 3 1/2; 14.º Fernando Reis (AAE) 3 1/2; 15.º Rui Fonseca (CDUP) 3; 16.º João Rui Coelho (AAE) 3; 17.º Rui Mendes (CDUP) 3; 18.º Luís Galego (CDUP) 3; 19.º João Carvalhas (AAE) 3; 20.º Paulo Felizes (VFC) 3; 21.º João Pereira (AAE) 2 1/2; 22.º Eduardo Rocha (AAE) 2; 23.º Carlos Alberto (AAE) 2; 24.º Pedro Gomes (AAE) 1 1/2.

Torneio de Rápidas

A classificação conjunta dos 3 torneios realizados foi a seguinte: 1.º F. Castro (VFC) 28 pontos; 2.º J. Tenreiro (CDUP) 23; 3.º F. Fernandes (CDUP) 21; 4.º J. Gilbert (GXP) 20; 5.º A. Loureiro (AAE) 16; 6.º C. Prezado (CDUP) 16; 7.º J. Azevedo (AAE) 13; 8.º J. Andresen (GXP) 11; 9.º M. Bismarck e J. Veríssimo 5.

5.º Torneio de Principiantes

1.º A. Carvalho 5 pontos; 2.º M. Ferreira 4; 3.º S. Pinho 3 1/2; 4.º J. Augusto 3 1/2; 5.º M. Reis 3 1/2, etc.

A simultânea, que foi realizada pelos jogadores da AAE, José Azevedo e Amadeu Loureiro contou com a participação de 20 tabuleiros tendo os simultaneadores registado 17 vitórias, 2 empates (A. Carvalho e E. Rocha) apenas uma derrota (A. Reis).

Do Torneio Aberto seleccionamos a seguinte partida:

EDUARDO MONTEIRO - JOÃO ANDRESEN

1. c4 e5 2. Cc3 Cf6 3. g3 d5 4. cxd5 Cxd5 5. Bg2 Be6 6. Cf3 Cc6 7. d3 Be7 8. 0-0 0-0 9. Bd2 Dd7 10. a3 f5 11. b4 Bf6 12. Tc1 Cxc3 13. Bxc3 a6 14. Dc2 Tad8 15. Tfd1 f4 16. e3 fxc3 17. hxg3 Df7 18. Db2 Dh5 19. Ch2 e4 20. Bxf6 Txf6 21. Bxe4 Th6 22. f4 Bd5 23. Tf1 Bxe4 24. dxe4 Td3 25. Da2+ Rh8 26. Tc5 Dh3 27. Tg5 Txe3 28. Df2 Tf3 29. Dg2 Dxx2+ 30. Dxx2 Txf1+ 31. Rxf1 Txx2 32. e5 g6 33. g4 Rg7 34. a4 h6 0:1

Praia - 77

Numa iniciativa da Delegação de Coimbra da D. G. D., realizou-se, neste Verão, uma acção de divulgação e orientação desportiva denominada Praia - 77, que teve como palcos as praias da Figueira da Foz e de Mira.

Estiveram em actividade Escolas de Xadrez nas duas praias, tendo-se realizado uma acção de sensibilização junto dos veraneantes através de torneios, simultâneas e o ensino do jogo.



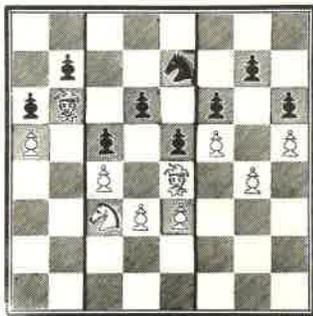
Praia 77 — Estágio técnico

A debilidade fixada

Uma importante percentagem de jogos perde-se por causa de debilidades, mais ou menos evidentes, na estrutura dos peões. Se estes são os peões do roque, há que pôr a hipótese de um ataque directo ao rei, à base, ou não, de sacrifícios. Exemplos desse género poderão ser encontrados na série de artigos de Luís Santos, sobre «O ataque ao roque».

Mas essas fraquezas nem sempre se encontram no roque e, mesmo que assim seja, às vezes não é possível aproveitá-las com acções tão directas. Frequentemente, usam-se processos essencialmente estratégicos, embora apoiados por «fininhos táticos».

A forma mais clássica de explorar os debilitamentos dos tipo *hole* («buraco») consiste em fixá-los, conquistando, assim, *postos avançados* para a incursão das peças, além de tornar permanentes os objectivos de ataque. O primeiro diagrama apresenta alguns casos típicos de *debilidades fixadas*: em *b6*, *d5*, *g6* e *g5*.



O primeiro caso, as brancas têm um bom posto avançado em *b6*, sustido pelo peão *a5* e por uma figura bloqueadora. As principais debilidades negras são a casa *b6* e o *Pb7*. Mesmo que o bispo não tenha possibilidades de incursão a partir do posto avançado que ocupa, pode eventualmente ceder o lugar a um companheiro. Se as negras alguma vez o capturarem deverá, por regra, retomar-se de figura. Note-se ainda que a fraqueza em *b6* também existiria se avançássemos o *Pb7* para *b5*, embora fosse mais difícil o acesso de figuras àquela casa (nomeadamente torres ou cavalos); também nesse caso, o peão a atacar passaria a ser o de *a6*.

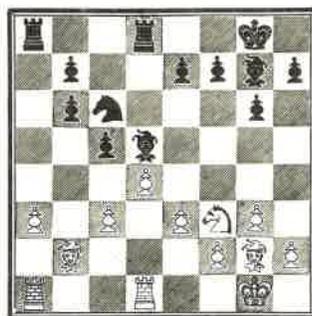
A estrutura da secção central do diagrama aparece, com relativa frequência, nas aberturas de flanco, e é vantajosa para as brancas, que possuem o controlo de *d5* sem cederem o de *d4*. A debilidade em *d5* está só semi-fixada. Neste caso, as brancas impedem o lance libertador *d6-d5* dominando o ponto fraco com mais uma peça do que as negras. Outro processo seria pressionar sobre os peões defendidos por *d6* (com *Be3* ou *Bc3*, por exemplo), impedindo-o assim de avançar.

À direita, vemos uma dupla fraqueza:

em *g6* e *g5*. Sobretudo no meio-jogo, as brancas, em princípio, estão melhor, por o seu ponto de incursão ser o mais avançado, embora, evidentemente, muita coisa dependa de outros factores; por exemplo, com ambos os roques curtos, o rei branco poderá estar mais exposto.

Embora os três casos sejam bastante diferentes, têm uma coisa em comum: foram peões os principais fixadores das debilidades.

Depois desta introdução, relativamente «teórica», passemos a examinar um caso prático de fixação de fraquezas, com a consequente conquista de um posto avançado.



A posição do diagrama provém de uma partida em que o antigo mestre mexicano Carlos Torre conduz as pretas, contra Kupchik (Nova Iorque, 1925).

15... *Ca5!* 16. *Cd2 Bxg2* 17. *Rxg2 e5!*

Depois da troca de bispos, torna-se mais evidente a fraqueza do *hole* em *f3*, que as negras vão fixar, colocando um peão em *e4*.

17. *dxç5?*

18. *Cf3* dá possibilidades de defesa (18... *exd4* 19. *exd4 Cb3* 20. *Tab1*). Depois de 17. *dxç5?* acentua-se a debilidade de *c3*.

17... *bxc5* 18. *Tab1*

São inferiores 19. *c4?* *Txd2* 20. *1xd2 Cxc4* 21. *Tc2 Cxb2* 22. *Txb2 e4*, 19. *e4?! Bh6!* 20. *Cf3 Ce4* ou 19. *f3?! Td3* 20. *Rf2 Tad8* 21. *Re2 Bh6* 22. *f4 f5*, seguido de 23... *e4*.

19... *f5* 20. *c4 Td3* 21. *Rf1 Tad8* 22. *Re2 e4* 23. *Bxg7 Rxg7* 24. *Ta1 Rf6*

As brancas estão completamente manietadas. Os *holes* em *f3* e *d3*, este último transformado pelo adversário num posto avançado, e a debilidade suplementar em *c3* paraliza-lhe a acção das peças.

25. *Re1 Re6* 26. *Re2 T8d7* 27. *Re1 b5?*

As pretas pretendem ganhar «no bonito», escusadamente. Pelos seus ensinamentos práticos, parece-me importante transcrever o comentário feito pelo próprio Torre a esta jogada: «Totalmente errado. As negras tinham jogado uma

partida posicional, e obtiveram a vantagem suficiente para ganhar; deveriam agora, simplesmente, jogar *Tc3*. As pretas entram numa combinação, apesar de conhecerem o valor do adversário.

«Provavelmente é por isso que os grandes mestres Capablanca, Lasker e Alekhine perdem tão poucas partidas. Sem se preocuparem com as opiniões dos outros, raramente jogam contra o seu próprio critério.»

E, no fim da partida, acrescenta: «Se alguma coisa temos a aprender com este jogo que nos permita apreciar a verdadeira beleza do xadrez, é que nos não devemos deixar seduzir por aparências de brilhantismo. Estas retardam o nosso jogo lógico e, nalguns casos, deformam-no totalmente. Muitas vezes tornam incongruente o que é inerentemente belo».

A imparcialidade destas palavras é ainda maior se pensarmos que a continuação elegida por Torre também chegou para ganhar, embora depois de desnecessárias complicações. Vejamos como:

28. *cxb5 c4* 29. *Tac1 c3* 30. *Cf1 Cb3* 31. *Txd3 Txd3* 32. *Tc2 Rd5* 33. *g4! Rc4* 34. *gxf5 gxf5* 35. *Cg3 Rxb5* 36. *Cxf5 Re4* 37. *Cg3?*

As grandes hipóteses de defesa parecem consistir em 37. *Re2!*, e se 37... *Cd2* 38. *Cd4 Rxa3* 39. *f3!* (39. *f4 Cc5*) *Cxf3!?* 40. *Cxf3 Rb3* 41. *Cd4+ Txd4* 42. *exd4 Rxc2* 43. *d5*, com empate.

37... *Cd2* 38. *Rd1*

Tentando acercar o rei do flanco de dama, mas permitindo a transposição para um final de torres ganho pelas pretas. Também servia 38... *Cb3+*, seguido de 39... *Ca1*.

38... *Cf1+* 39. *Rc1 Cxg3* 40. *hxg3 Rxa3* 41. *Te2 Rb3* 0:1

A 42. *Tc2* as negras responderiam com 42... *Td6!* 43. *Te2 Th6* 44. *Te1 Ta6!*

O bloqueio era tão vantajoso para as negras, que elas dispunham de vários planos para ganhar! Além do lance *Tc3*, indicado por Torre (e que parece ainda mais decisivo se feito depois de se acercar o rei ao flanco da dama), era também rapidamente ganhante um plano igual ao seguido na partida, mas efectuado no lance anterior, ou depois de outro tempo de espera; isto é, com o rei branco em *e2*, o que impediria a futura troca *Txd3*, por causa de *exd3+* (xeque!). É ainda visível uma outra forma de ganhar — e talvez esta a mais consequente com toda a estratégia anterior: 27... *g5* 28. *Re2 f4* 29. *gxf4 gxf4* 30. *exf4* (30. *Re1 f3!*, e as brancas estão num *zugzwang* curioso pois *Ta2* é respondido com *Cb3!*) *Txd2+!* 31. *Txd2 Txd2+* 32. *Rxd2 Cb3+* 33. *Rc1 Cxa1* 34. *Rb2 Rf5*, e ganham.

Depois disto, espero que o leitor só goste de debilidades fixadas... se forem do adversário. No próximo número, daremos mais alguns exemplos, em que um posto avançado é o principal elemento da vitória.

O Mundial de Juniores

O Campeonato do Mundo de Júniores de Xadrez decorreu em Innsbruck, na Áustria, de 3 a 18 de Setembro, tendo sido disputado em sistema suíço, 13 rondas.

Artur Jusupov foi o vencedor indiscutível, com um ponto de avanço sobre o colombiano Zapata. Jusupov demonstrou uma técnica de finais espantosa, que lhe permitiu ganhar vários jogos nos quais o resultado mais provável seria o empate. Surpresas do torneio foram Skembris (Grécia), Zapata (Colômbia) e Rivas (Espanha). As desilusões foram bastantes, reflexo da força do torneio: Rhode, M. I. (EUA), Grinberg (Israel) 3.º classificado no ano passado, Kouatly, M. I. (Líbano) e Sisniega (México), que após ter estado a 1/2 ponto da 2.ª norma de M. I. na Olimpíada Estudantil no México, não esteve à altura da sua real força de jogo. Talvez o facto de a Federação Mexicana ter pago 1300 dólares ao G. M. soviético Vasiukov para ser seu segundo, tenha influenciado os jogos de Sisniega.

A minha actuação não foi melhor que a do ano passado, talvez pela falta de alguém que me pudesse ajudar em momentos difíceis e decisivos. As derrotas frente a Rhode (EUA) e a Georgiev (Bulgária) influenciaram psicologicamente a minha conduta. Após ter perdido com o búlgaro não arrisquei mais, jogando sempre pelo seguro, o que terá contribuído para a fraca pontuação final. De qualquer maneira ganhei bastante experiência, que poderá servir em futuras competições.

Junto a minha partida em Georgiev, que considero interessante e instrutiva.

Sisniega (México), Rivas (Espanha), MI Georgiev (Bulgária) e Ionescu (Roménia) 8; 11.º Dur (Áustria), Grozpetar (Hungria), Rayner (Gales) e MI Chandler (Nova Zelândia) 7 ½; 15.º Jensen (Nova Zelândia), Stempin (Polónia), Bany (Irlanda), Maky (Finlândia), Grinberg (Israel) e Cramling (Suécia) 7; 21.º MI Rhode (EUA), Janssen (Holanda), Kassprêt (Áustria), Weidemann (Alemanha Federal), Goodman (Inglaterra), MI Kouatly (Líbia) e Yap (Filipinas) 6 1/2; 28.º Thijsay (Índia), Ghysels (Bélgica), Bucholz (Canadá), Bernat (Argentina), Morris (Austrália), Morrison (Escócia) e Másculo (Brasil) 6; 35.º Iten (Suíça), Sequeira (Portugal), Ceppini (Itália), Pazos (Equador), Klenver (Luxemburgo) e Yurtseven (Turquia) 5 1/2; 41.º Arnason (Islândia), Marcel (França), Razzak (Iraque) e Salazar (Chile) 5; 45.º Rejaibi (Tunísia) 4 1/2; 46.º Armando (el Salvador) 3 1/2; 47.º Omuku (Nigéria) 3; 48.º Knudsen (Noruega) 2 1/2.



Sequeira em Innsbruck

Classificação final:

1.º MI Artur Jusupov (URSS) 10 ½;
2.º Zapata (Colômbia) 9 ½ 3.º Popovic (Jugoslávia), Vera (Cuba), Skembris (Grécia) e Fries-Nielsen (Dinamarca) 8 ½ 7.º

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 g6 6. Be3 Bg7 7. f3 0-0 8. Bc4 Cc6

Esta Variante — o ataque Rauser — hoje em dia a mais popular resposta contra a Dragão, baseia-se na ideia de fazer o roque grande, seguido de uma avalanche de peões na ala do rei.

9. Dd2 Bd7 10. h4 Ce5 11. Bb3 Tc8

Nesta altura as negras têm outras duas alternativas satisfatórias: 11... Da5 com a ideia de jogar 12... Tfc8 e 11... Db8 com o intuito de jogar b5 e salvar a dama de ameaças futuras.

12. 0-0-0 Cc4 13. Bxc4 Txc4 14. h5 Cxh5 15. g4 Cf6 16. Cde2

Esta variante foi bastante popular depois do 2.º jogo do match Karpov-Korchnoi que terminou com uma brilhante vitória de Karpov em 27 lances.

16... Te8

Este lance, cuja patente pertence ao norte-americano Tarjan, tenciona sacrificar o Cf6 por vários peões, com esperanças de chegar ao final com vários peões passados na ala do rei, em troca da peça; outro lance mais calmo é 16... Da5 com a ideia de jogar Tfc8.

17. Bh6

17. e5 é inferior, pois o bispo e o rei negros ficam mais à vontade.

17... Bh8

Seria suicídio trocar os bispos, pois a debilidade nas casas negras acentuar-se-ia sobremaneira.

18. e5 Cxg4

Se 18... dxg5 19. g5 com vantagem decisiva das brancas.

19. fxg4 Bxe5

Este lance pode ser uma melhoria na variante em relação ao lance primitivo 19... Bxg4, o qual tirava todas as esperanças de igualar às negras.

20. Bf4 Da5 21. Bxe5 Dxe5 22. Cd5 Txg4

Se 22... Bxg4 23. Tde1 com pressão em e7.

23. Cec3 Dg5

Com a ideia de trocar damas e chegar ao final com 4 peões pela peça.



MATERIAL DIDÁCTICO
DO PRÉ-PRIMÁRIO AO UNIVERSITÁRIO

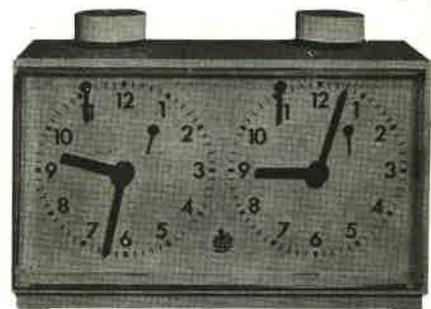
JOVEM — nos teus tempos livres PRÁTICA XADREZ

TEMOS AO TEU DISPOR:

Jogos em madeira — Tabuleiros — Conjuntos com peças e tabuleiro
Jogos magnéticos e perfurados — RELÓGIOS DE XADREZ

E DISPOMOS AINDA DE:

Filmes 16 e 8 mm — Diapositivos — Astromodelismo etc.



PEDIDOS A: NUCLEON — EQUIPAMENTOS DE PRECISÃO, LDA.
Avenida Columbano Bordalo Pinheiro. 57-A — Telef. 77 02 37 - 77 03 51 — LISBOA-1

24. Tde1

Se 24. The1 as pretas deveriam jogar 24... Rf8 defendendo o peão e não 24... Dxd2+ porque, depois de 25. Txd2 Rf8 26. Tde2,a s brancas têm grande pressão em e7. 24... Bc6

Após pensar bastante tempo resolvi-me por este lance, pois se 24... Dxd2+ as brancas jogariam 25. Rxd2 e agora se 1) 25... Be6 26. Cc7; 2) e6 26. Cf6+; 3) 25... Rf8 26. Txe7, e se as negras mexerem na torre as brancas jogam Txe7, ganhando o peão com posição muito activa. Depois de analisar estas variantes, pareceu-me que seria melhor ir directamente para o final de torre e 3 peões passados contra torre e cavalo. Além disso a linha efectuada no jogo pelas brancas é a sua única possibilidade de tentar igualar, pois o Cd5 fica pregado à Th1, depois do lance 24... Bc6.

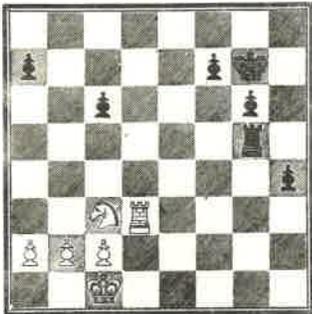
25. Dxc5 Txc5 26. Txe7 Txe7 27. Cxe7+ Rg7 28. Td1

Se 28. Cxc6? então 28... bxc6 29. Td1 d5 com grande vantagem negra. 28... h5

Nesta posição a minha escolha baseia-se no facto de que se 29. Txd6 h4 30. Cxc6? h3! 31. Td2 (única) Tg1+ 32. Cd1 Tg2 33. Cxa7 h2 34. Txc2 h1D 35. Td2 g5 36. c3 g4 37. Rc2 g3 38. Ce3 De4 39. Td3 g2 ganhando, ou, também, 32... bxc6 33. Th2 Tg3 com clara vantagem negra.

29. Cxc6 bxc6 30. Txd6 h4 31. Td3

Se 31. Txc6? h3 com ganho fácil para as negras. 31... f5!?



Se 31... Tg2 com a ideia de ajudar o avanço dos peões e prender o rei branco à defesa do seu flanco de dama, as brancas jogariam 32. Td2! e se 32... h3? 33. Txc2 hxg2 34. Ce2 f5 35. Rd1 f4 6. Re1! (36. Cg1?? g5! 37. Re1 g4 38. Rf2 f3 ganhando) g5 37. Rf2 ou 36... f3 37. Cg1 em ambos os casos com vitória das brancas. Desta maneira a ideia de 31... f5!? é a ameaça latente de 32... Tg2, pois, com o tempo a mais, as negras ganhariam imediatamente.

32. Ce2 Tg2 33. Rd1

Se 33. Cf4 Tg1+ e 4... g5.

33... g5 34. Re1 g4 35. b4

Tentando contrajogo na ala de dama, pois de outra maneira as brancas perdem rápido. 35... h3 36. Rf1

Se outro lance as negras jogam 36... h2 ganhando. 36... Rh6

O único plano que, nesta posição, me pareceu viável foi mobilizar o rei.

37. a4 Rg5 38. b5 cxb5 39. axb5 Rh4 40. Td7

104 Outubro de 1977

Única, pois eu ameaçava 41... Txe2 e 42... h2, e se 43. Td1 então 43... g3 44. Rf3 Rh3 jogando g2 de seguida, ganhando.

40... g3 41. Txe7

Este foi o lance secreto de Georgiev, e é o único, pois se 41. Th7+ Rg4 42. Tg7+ Rf3 e se 42. Txe7 então 42... Txe2 43. Rxe2 h2 44. Th7 g2, ganhando em ambos os casos. 41... f4!

Único lance, mas que dá grandes esperanças de vitória às negras. Infelizmente eu só tinha uma hora para ir jantar, analisar a posição, que era bastante complexa, e voltar ao local do jogo. Não tendo podido analisar todas as variantes perdi muito tempo sobre o tabuleiro.

42. b6 Th2

É este o ponto do meu lance anterior, pois ameaça Th1+ e h2 ganhando.

43. Th7+ Rg4 44. Tg7+ Rf3 45. Cg1+ Única, pois se 45. Cd4+ Re4 46. b7 Tf2+ 47. Re1 h2 48. Th7 g2 ganhando.

45... Re4 46. Te7+ Rd5 47. Cxh3

Única, pois se 47. b7 Tf2+ 48. Re1 h2, ganhando.

47... Txe7 48. Tf7 Re4 49. b7

Nesta posição Georgiev propôs-me empate, mas eu não aceitei, pois pensei que tinha chances de vitória, apesar de já estar em graves apuros de tempo.

49... f3

Ameaçando mate e impedindo a coroação do peão branco.

50. Te7+ Rd4 51. Td7+ Re3 52. Te7+ Rd2 53. Td7+ Rc1??

O erro crasso! Melhor seria 53... Rxc2! 54. Rg1 g2 55. Rf2 Tg3! 56. Rxc3 g1D+ 57. Rxf3 Dd6 58. Re4 Rc3 59. Re5 Rc4 60. Re4 Rc5 ganhando, mas eu já tinha menos de um minuto no relógio e tive medo do xeque mais tarde em c7 e da manobra Tc8, quando eu jogasse Th8.

54. Rg1 g2

Ameaço Th1 e, portanto, as brancas ainda não podem coroar.

55. Rf2 Th8

Lance para não perder. Uma última tentativa seria 55... Tg3!? 56. Rxc3 g1D+ 57. Rxf3 Dh1+ 58. Re3 Dh3+ 59. Re4 Dg4+ 60. Re5 Dg3+, mas nesta posição as negras não têm mais que xeque perpétuo. 56. Rxf3??

O meu adversário também estava em apuros de tempo. O melhor seria 56. Tg7 Rxc2 57. Rxf3 Tb8 com empate.

56... Rxc2??

É quase inadmissível que se falhe um lance como 56... g1D ganhando imediatamente, mas os apuros de tempo em que eu estava não me deixavam ter uma visão clara da posição. Mesmo assim depois de ter feito o lance 56 caiu-me a seta, acabando por perder por tempo. Na posição final, depois de 57. Rxc3 Tb8 a posição está sempre empatada. Esta partida foi de grande influência psicológica para mim, tanto mais que Georgiev é MI e possui já uma norma de Grande Mestre. Enfim, melhores dias virão.

JCÃO SEQUEIRA

A bibliografia sobre o xadrez é na realidade uma riqueza excepcional, pois em todo o mundo publicam-se anualmente algumas centenas de obras.

Os géneros mais explorados dizem respeito à teoria das aberturas e às partidas.

Contudo, há um ramo menos tratado e que se refere, digamos, assim, à filosofia e à teoria científica do Jogo Ciência, e como exemplo incluímos neste número, trabalhos como «Psicologia do Jogador», de R. Fine, «O Laboratório do Xadrezista», de A. Suetine, «Curso Científico do Xadrez», de Reti, etc

Por outro lado, o humor em profundidade, no xadrez, é pouco explorado, pois a anedota vulgar, ilustrada, é um género já explorado há muito tempo.

Hoje vamos referir dois livros na realidade curiosos, um pertencendo ao primeiro grupo enunciado, «A Batalha das Ideias», do americano Anthony Saily, o outro inclui-se no género humor, «Sobre Fischer», do sem dúvida genial Arrabal.

The Battle of Chess Ideas



«THE BATTLE OF CHESS IDEAS» (editado pela B. T. Batsford Ltd — Londres, £2) — «A BATALHA DAS IDEIAS NO XADREZ», por A. Saily).

O autor é Mestre Internacional, tomou parte nas Olimpíadas de 1946, sai Campeão do Torneio Aberto do Canadá, em 1960, e em 1967 ganha o Torneio Aberto Americano, e escreve na revista «Chess Life», sendo este o seu primeiro livro.

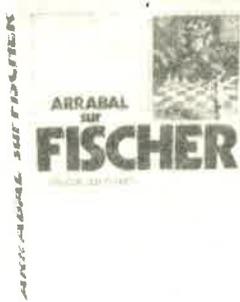
Esta obra de 160 páginas condensa a história do xadrez, mas sob um aspecto crítico e interpretativo. É muito claro e preciso nas suas ideias sobre as várias escolas do Jogo Ciência, focando-as desde a Escola Romântica até às incertezas do futuro, passando pelas preocupações do presente, e focando a Revolta do Xadrez Hipermóderno, como lhe chama, a Escola Soviética, vendo em Larsen a «Vitalidade do Romanesco», Fischer como «Os Limites do Génio», etc.

Ligando os progressos do xadrez aos países de maiores recursos, refere que os melhores jogadores provêm dos países mais ricos, quer sejam do mundo capitalista quer do socialista, ou daqueles em

O ataque ao roque

que os seus sistemas políticos não assentem na chamada sociedade de consumo.

O autor não crê que o aparecimento do «computador campeão do mundo» possa destruir o caminho que a força das ideias traçou, assim como acredita que tendo conseguido uma plena democratização da cultura, o xadrez, neste contexto e com as suas potencialidades humanísticas, poderá conquistar novos milhões de adeptos, provando mais uma vez que o homem amará eternamente a beleza.



«SOBRE FISCHER» («Sur Fischer», por Arrabal — Editions du Rocher — Paris).

Sobre a controversa personalidade do autor, já foi dito algo nas colunas desta revista, assim como sobre o livro.

Hoje apenas pretendemos chamar a atenção dos jovens xadrezistas para este livro, do inconfundível intelectual espanhol, Arrabal. A pretexto de Fischer, ex-campeão do mundo, o autor dá-nos de tudo um pouco, mas sempre com uma dose maior ou menor de humor: história antiga e recente, regras do jogo com comentários divertidos, um léxico muito útil, considerando sobre as fases (ou actos, como lhe chama) da partida. Depois de referir a forma mais generalizada da classificação das aberturas, entra na crítica às partidas do encontro Spassky-Fischer, na disputa do campeonato do mundo. Além dos saborosos comentários com que ilustra as partidas, atribui a cada uma um título que sintetiza certamente a ideia que Arrabal faz de cada uma. Por exemplo, a primeira partida é antecedida do conceito «Morrer de Pé», a 2.ª «A Burocracia sem Tango», a 3.ª «Irei como um cavalo louco», a 6.ª «O Anarquista Regicida», etc.

Redroduz várias partidas históricas, terminando com dados preciosos sobre a actuação dos últimos grandes mestres, os torneios das Nações, os dos candidatos, etc.

Trata-se, de facto, de um livro útil para os iniciados, pois tem ainda o condão de encarar o xadrez com um desporto leve.

ARMANDO ARAGÃO

O avanço do peão *h* para *h6* ou *h3* acontece frequentemente para evitar uma cravagem de bispo sobre um cavalo em *f6* ou *f3*, ou para evitar algum sacrifício em *h7* ou *h2* ou, até, só para dar um *escape* ao rei de um possível mate na oitava.

Ora, este avanço preventivo tão do agrado de jogadores menos experientes proporciona, nem que seja a longo prazo, um objectivo de ataque. Por isso tem de ser muito bem pensado.

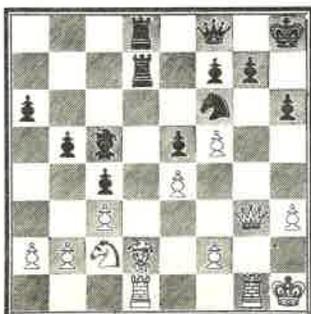
No último número já nos referimos a uma ruptura decisiva ocasionada pelo lance *h6* na partida Botvinnik-Sagorianski. Mas o peão *h* é agora sobretudo um incentivo para o sacrifício.



1. Bxh6 Tc6 (se 1... gxh6 2. Dxh6 f5 3. Dg6+ Rh8 4. f4) 2. Bg5 Cb3 3. Df4 f6 4. exf6 Cxa1 5. Bh7+ Rh8 (5... Rxh7 6. Dh4+ Rg6 7. Cf4) 6. Dh4 Cxf6 7. Cf4 1:0 (ALEKINE-ANDERSON, Praga 1931).



1. Cd5 Bxd5 2. Bxd5 Cxd5 3. exd5 Bf6 4. Bxh6 gxh6 5. De3 Bg7 6. f6 Th8 7. Tf1 Db5 8. Df3 Tc4 9. Df5+ 1:0 (FISCHER-KUPPER, Zurique 1959)

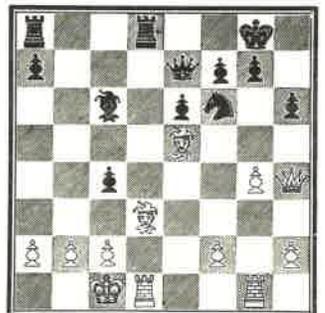


1. Bxh6! gxh6 2. Dxe6 Be7 3. Td4 Txd4

4. Cxd4 Rh7 5. Td1 Ce8? (5... Dg7! dava boas hipóteses de empate) 6. f6 Cxf6 7. Df5+ Rh8 8. e5 Dg7 9. exf6 Bxf6 10. Tg1 Bg5 11. f4 1:0 (TAL-FILIP, Portoroz 1958)



1. Tg7!! Rg7 (se 1... a6 2. Txf7! axb5 3. Txf8+) 2. Bxh6+ Rg8 (se 2... Rxh6 3. Dd2+ Rg7 4. Dg5+ Rh8 5. Dh6+ Rg8 6. Cg4! Dxd3 7. Cxf6+ Bxf6 8. exd3) 3. Df3 Ce8 4. Dg4+ Rh8 5. Bg7+! Cxg7 6. Dh3+ Bh4 (se 6... Ch5 7. Dxh5+ Rg7 8. Dh7+ Rf6 9. Cg4++) 7. Dxh4+ Ch5 8. Dxh5+ Rg7 9. Dg5+ 1:0 (RICHTER-ALEKSANDRESCU, Munique 1936).



1. g5! Cd7 2. Dxh6!! (Spielmann foi sempre um grande artista no sacrifício) 2... gxh6 3. gxh6+ Rf8 4. Tg8+ (e mate em dois) 1:0 (SPIELMANN - L'HERMET, Magdeburgo 1927).

É curioso notar como o tema deste sacrifício foi retomado numa partida relativamente recente.



1. Dxh6!! Cd3+ (se 1... gxh6 2. Txb6 Bxf6 3. gxf6 seguido de 4. Tg1+ e 5. Th8++) 2. cxd3 cxb2+ 3. Rxb2 1:0 (BORDONADA - SANZ, Nice 1974)

LUÍS SANTOS

Romanichin em Portugal

Conforme noticiámos no n.º 6 Oleg Romanichin, G. M. I. da União Soviética, esteve entre nós durante quase uma semana, de 8 a 13 de Setembro, a fim de colaborar na festa do Avante. Na simultânea de sábado, dia 9, conseguiu o bom resultado de +25 =0 —1, perdendo apenas com o jovem José Azevedo, da Associação Académica de Espinho, e, no domingo, numa simultânea com relógio contra os melhores opositores da véspera e alguns outros simultaneadores, registou +6 =1 (José Pereira dos Santos) —1 (Manuel Valadares, participante de última hora).

Vejamos estas duas vitórias de portugueses:

O. ROMANICHIN - M. VALADARES

Gambito de Dama

As notas, muito ligeiras, que sobre a fase da abertura aqui vão feitas de seguida, resultam de uma breve consulta aos «catrapázios», feita expressamente para o presente comentário pois, como toda a gente sabe, não sei jogar aberturas. Fiquei, por sinal, com a impressão de que o meu ilustre adversário também não era barra na matéria. Cheguei até a vê-lo receber, atento, umas lições do Victor Silva, na sala do Rossio... E, já agora, recordo o Benkô (lembra-se de ele ter passado por lá, há uns anos?), que sobre aberturas apenas deve ter lido o livrinho de divulgação do Suetin... Mas jogar xadrez ele sabia, não era? Estou, pois, em boa companhia.

1. d4 d5 2. c4 e6 3. Cc3 Cf6 4. Bg5 Cbd7 5. c3.

Não sendo, talvez, barra nas aberturas, parece que ao menos a variante 5. cxd5 exd5 6. Cxd5? Cxd5 7. Bxd8, Bb4+ o Romanichin conhecia...

5... Be7 6. Cf3 0-0 7. Bd3

Não encontrei esta ordem de lances em lado algum. Consultando a classificação do Informatör (ainda não comprei a Enciclopédia e, ao preço a que está, se calhar nem compro...), consegui encaixar isto em D15c ou D18a.

7... b6 8. cxd5 cxd5 9. 0-0 Bb7 10. Tc1 c5 11. De2

Num livro (já com quase 10 anos!) que tenho sobre o Gambito de Dama, do Pachman, vem lá algo muito parecido, i. e., há uma variante em que se chega a uma posição igual à da partida, depois do 11.º lance das brancas: 1. d4 d5 2. c4 e6 3. Cc3 Cf6 4. Bg5 Be7 5. e3 0-0 6. Cf3 Cbd7 7. Tc1 b6 (ao que Pachman chama «uma antiga variante que foi empregada

com frequência») — não diz se com êxito... — «por Lasker. Acarreta as negras um jogo incómodo». As coisas que eu vou descobrir!) 8. cxd5 exd5 9. Bd3 Bb7 10. 0-0 c5 11. De2 devendo as negras jogar agora 11... c4 para prevenir 12. Ba6.

Pachman indicou ainda que não é possível 8... Cxd5, dado que as negras perdem um peão. Mas a variante tem 7. Tc1 em vez de 7. Bd3 (como jogou, decerto imprecisamente, Romanichin). Na partida eu poderia, pois, ter retomado com o cavalo. Só o não fiz porque, apesar de proporcionar a troca dos bispos das casas pretas, deixaria às brancas um centro muito forte, contra o qual não gosto de jogar. Poderia ser, v. g., 8... Cxd5 9. Bxe7 Dxe7 10. Dd2 Bb7 11. e4.

11... a6

Com as devidas desculpas ao Pachman, parece-me melhor que a aconselhada 11... c4, pois que evitando ambas 12. Ba6, a da partida mantém a tensão central e ameaça, agora com mais força, 12... c4 e 13... b5, esta última para responder a um eventual 14. b3 com 14... b4 e 15... c3, criando forte peão passado no campo inimigo.

12. b3

Previne 12... c4, mas cria debilidades nas casas pretas (b4 e a3). Outra tentativa seria 12. a4, mas depois de 12... c4 e 13... Bc6 as brancas ficariam com b3 débil sem, sequer, conseguirem impedir 14... b5. Poderia ser, v. g., 12. a4 c4 13. Bc2 Bc6 14. Ce5 Cxe5 15. dxe5 Cd7 16. Bf4 b5 e as pretas têm, na minha opinião, um jogo excelente.

12... h6 13. Bh4 cxd4!

Impunha-se, naturalmente, 13... Te8, após o que me parece se poderia dizer estar o jogo igualado.

14. Cxd4 Ce5

Tinha pensado jogar 14... Ce5, com a ideia de seguir com 15. Cf5 Ba3 16. Tcd1 Cxd3, mas reparei, nesta altura, que depois de 17. Dxd3 a pressão branca sobre d5 seria insustentável. Decidi-me, assim, pela jogada do texto, a qual além de controlar e4 controla também a4 — casa excelente para o Cc3 branco pela pressão que faria sobre o Pb6, abrindo ainda a coluna c à T branca.

De qualquer modo penso que o melhor teria sido ainda 14... Te8, respondendo a 15. Ca4 com 15... Cc5, já que se 16. Bxf6 Bxf6 17. Cxc5 bxc5 não seria possível 18. Txc5? por 18... Bxd4, enquanto a 18. Cf5 poderia responder com 18... Db6, com bom jogo.

15. Cf5 Te8

Mais vale tarde do que nunca.

16. Tfd1? Bf8!

Com desculpas, desta vez para o Romanichin, 16. Cxe7+ impunha-se. Depois de 16.º lance das brancas joguei rapidamente Bf8. É aliás, o dar a casa f8 ao B, um dos maiores méritos de Te8. Note-se que sem o B em f8 não é possível jogar g6, por Cxh6+.

17. Bb1 g6 18. Cd4 Dd6 19. Df3 Cfe4 20. Bg3

18. Cd4 é, evidentemente, a única, já que depois de 18. Cg3, g5 ganha o B. Note-se o controlo que o Pa6 faz da casa b5. Não fosse tal controlo, depois de 18... Dd6 o lance 19. Ccb5 seguido de 20. Bg3 seria fortemente desagradável. Veja-se ainda que a 19. Bg3 se pode responder 19... De7, sem problema de maior.

20... Cxg3 21. Dxg3 Df6 22. Ca4

Não me interessou a troca de Damas devido a, após ela, não ter qualquer contrajogo que me compensasse da debilidade que constitui o Pd5 isolado.

Não é possível às Brancas jogar 22. Dc7, por 22... Bd6 ganhando a D (23. Dxb6 Bxh2+). As brancas precisam, pois, retirar o C preto de c5. Eu esperava que o fizessem com 22. b4, para o que tinha preparado 22... Bd6 (senão 23. Dc7 seria muito desagradável) 23. Dh3 Ce4 24. Cxe4 dxe4 25. Dxb6? Te5, com forte ataque (v. g. 26. Df4 Tf5).

22... Bd6 23. Df3 De5 24. g3

Seria curiosa e julgo que favorável às brancas, ainda que difícil de jogar em simultânea, a continuação 24. Cxb6 a que



O. ROMANICHIN

(gravura extraída do semanário 64)

teria de responder com 24... Dxb2+ 25. Rf1 Tad8, pois seria perdente 25... a5 26. Cxa8 Ba6+ 27. Re1 Ce4 28. Bd3 Bb4+ 29. Re2.

24... Cxa4 25. bxa4 Tac8 26. Bd3 Txc1 27. Txc1 Bc5

28. Cb3 Ba3 29. Tc2 Te7! 30. Df4 Dxf4 31. gxf4 a5!

Fui finalmente obrigado a trocar as Damas, objectivo que o meu adversário há muito perseguia. Mas consegui fazê-lo na boa altura, pois creio que neste momento o jogo está equilibrado.

O meu último lance é muito importante, embora ceda a casa b5 às brancas. Na verdade, se tivesse jogado já 31... Rg7 seguiria 32. a5 b5 e acabaria por ter que trocar o meu B preto pelo C inimigo em c5, ficando com um B mau no final. Para as brancas, porém, parece-me que teria sido preferível ocupar a casa b5 com o C, em vez de com o B.

32. Bb5 Rg7 33. Rf1 Rf6

Automático muito preferível teria sido 33... Bd6, para evitar 34. Re2 por 34... Bxf4, e sem temer 34. Bc6 por 34... Rf6!

34. Re2 Bd6 35. Rd3 g5 36. fvg5 hxg5 37. f3 Be5 38. Cd4 Tc7

Proponho a troca de torres com o que, julgo, asseguraria o empate. O mesmo deve ter pensado o meu adversário pois que, fiando-se na sua muito maior força, recusou a troca, cedendo-me embora a coluna c.

39. Tb2 Re7 40. Tg2 Rf6 41. Tb2 Re7

No lance 40.º havia-se atingido o primeiro controlo. Eu havia conseguido distribuir parcimoniosamente o meu tempo (hora e meia), gastando-o quase integralmente, mas sem entrar em zeknot. Com as últimas repetições de lances mostrara claramente que o empate me chegava, com o que não fazia qualquer favor a ninguém pois que, em verdade, não sabia como haveria de melhorar a minha posição. Não querendo empatar, às brancas competia empreender algo. Foi o que fizeram, aliás com grande infelicidade, como se verá.

42. Tf2 Tc1 43. Cb3 Bc8 44. f4?

Por mais incrível que pareça, deixei a T no ar e o G. M. não a comeu! Devo dizer que só agora, na análise, reparei nisto! Mas nem deve ser erro de transcrição no boletim de partida, pois que não consigo encontrar uma ordem lógica de lances para chegar ao mesmo resultado.

A «?» vai aposta porque 44. f4 é perdente. As pretas podem agora forçar a vitória e foi o que me apressei a fazer. Note-se que se a minha T estivesse em c7 o resultado seria o mesmo.

Sensivelmente a partir desta altura comecei a jogar sozinho contra o Romanichin, uma vez que as restantes 7 partidas tinham entretanto terminado.

44... Bf5+ 45. Re2 Tc2+ 46. Cd2

Com qualquer outra as brancas perdem, no mínimo, um P.

46... gxf4 47. exf4 Bc3 48. Rd1 Txa2 49. Te2+ Rd8

Se 49... Rd6 ou Rf6 50. Ce4+ e 51. Txa2; e se 49. Ce4 Ta1+ 50. Rc2 Bd4. 50. Tg2

Se 50. Cb3 Bg4 e se 50. Cf3 Ta1 mate. 50... Bg6

Evitando 51. Tg8+ Rc7 52. Cf3 que permitiria às brancas libertarem-se, e ameaçando 51... Ta1+ 52. Re2 Bxd2 ganhando a qualidade (53. Tvg6 fvg6), pois se 53. Rxd2 Ta2+ ganharia a T.

51. Tf2 Bf5 52. h4

51... Bf5 pareceu-me imprescindível, senão 52. f5, Bxf5 53. Txf5 Txd2+ 54. Rc1 Txb2 55. Txf7 e as pretas talvez não pudessem ganhar.

Se 52. Tg2 tentando repetir a posição, eu tinha planeado 52... Rc7 seguido do plano principal, como na partida.

52... d4 53. Bc4 Txa4 54. Bxf7 d3

Fechando a rede de mate. 53. Ce4 perdia simplesmente com 53... Ta1+ 54. Rc2 Bxe4+, pois o meu B preto está agora defendido.

55. Cb3

Desfeita finalmente a pregagem, o C não só pode como tem que jogar, senão Ta1 mate.

55... Ta3 56. Tg2

Ou 56. h5 a4 57. Bg6 Bg4+ 58. Rc1 axb3 59. Bxd3 Ta1+ 60. Bb1 Bf5.

56... a4 57. Cc1 Ta1 58. h5

Ou 58. Ta2 Bg4+, ou ainda 58. Bh5 Be6 e 59... Bb3+.

58... Bg4+! 0:1

59. Tvg4 d2 e 60... dxc1=D.

Acho que, durante uns tempos, irei ficar devoto do par de bispos! E também dos cavalos amnésicos, claro...

(comentários de M. VALADARES)

Boa condução da abertura por parte de J. Azevedo, que ganhou um bom peão e, depois, aceitou uma qualidade mal sacrificada: as ameaças de mate na diagonal a1-h8 eram mero efeito de óptica.

OLEG ROMANICHIN - JOSÉ AZEVEDO

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. Cc3 a6 4. g3 Cf6 5. Bg2 g6 6. d4 cxd4 7. Cxd4 Bg7 8. 0-0 0-0 9. Cde2 Dc7 10. Cf4 e6 11. Be3 Bd7 12. h3 Bc6 13. Dd2 Td8 14. Tad1 Td7 15. Cfe2 d5 16. e5 Ce4 17. Cxe4 dxe4 18. Dc3 Bxe5 19. Txd7 Cxd7 20. Bd4 Td8 21. Td1 Cb6 22. Bxe5 Txd1+ 23. Rh2 Dd7 24. Bh8 f5 25. Be5 Cd5 26. Dc5 e3 27. Cc3 Cxc3 28. Bxc3 Bvg2 29. Rxg2 e2 30. De5 Dd5+ 0:1

O campeão nacional M. I. Fernando Silva obteve o resultado mais lisonjeiro,

para nós, ao empatar as duas partidas de uma hora, num pequeno match jogado no dia 12, nas instalações do Centro Social dos Trabalhadores de Comércio e organizado pela FPX. Ei-las, com breves notas de F. Silva.

F. SILVA — O. ROMANICHIN

Fianchetto de Rei

1. e4 g6 2. d4 Bg7 3. Cc3

3. c4 pode inverter para a Índia de Rei. Outros lances possíveis são 3. Cf3 e 3. Bc4.

3... d6 4. Cf3 Bg4! 5. Be2 Cc6

O plano das negras é óbvio: jogar rapidamente e5 e exercer pressão sobre d4. Repare-se que os lances negros têm sido todos dirigidos para este ponto, mesmo o Bg4 que ataca um defensor.

6. Be3 e5 7. d5

7. dxe5 dxe5 8. Dxd8+ Txd8 dá ligeira vantagem às negras.

7... Ce7

As negras pretendem jogar f5 e só depois Cf6 jogando a posição normal da Índia de Rei com dois tempos de vantagem: e Cf6 não recusou para fazer f5.

8. 0-0 Bxf3

Se 8... f5?? 9. Cg5 com vantagem decisiva: o cavalo entra em e6.

9. Bxf3 f5 10. exf5

As brancas abrem o jogo, tentando pôr em evidência o seu melhor desenvolvimento.

10... Cxf5

10... gxf5 não resulta por 11. Bh5+ Cg6 12. f4 e4 13. g4! com forte iniciativa.

11. Bg4

Impede 11... Cxe3 12. fxe3 com vantagem porque o bispo vai a e6 e dificulta os roques.

11... Cf6 12. Bg5 0-0 13. Ce4 De8

Despregando.

14. Bxf6

Lógico: estabiliza-se o Ce4.

14... Bxf6 15. Dd3 1/2:1/2

A decisão aceita-se. As negras não têm plano activo e as brancas, depois de c3 e Tae1 podem preparar f4. De todos os modos, os bispos ciuculando em casas de cor diferente devem garantir o empate.

O. ROMANICHIN — F. SILVA

Defesa Siciliana

1. Cf3 c5 2. c4

Define-se a abertura Inglesa. 2. e4 inverte para a siciliana.

2... g6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Bg7 5. e4 Cc6

Afinal acabou por jogar-se mesmo a siciliana — variante Maroczi.

6. Be3 Cf6 7. Cc3 Cg4 8. Dvg4

Se 8. Cxc6 Cxe3 ganhando o par de bispos.

8... Cxd4 9. Dd1 Ce6

A ideia deste estranho lance é atacar o Pe4, dada a possibilidade Bxc3, e que pode efectuar-se de dois modos, conforme os casos.

a) d6 e Cc5

b) b6 e Bb7

10. Tc1

Impede 10... Bxc3+ dobrando os peões na coluna aberta.

10... b6 11. Bc2

Também é possível 11. Bd3 para jogar roque seguido de f4.

11... Bb7 12. 0-0!

Sacrifício interessante de peão, que dá às brancas boas possibilidades de ataque. Mais sólido é 12. f3.

12... Bxc3!

Aceitar o peão parece a melhor chance. De outro modo as brancas podiam consolidar-se com f4, Bf3, b3 e Cd5 e teriam todo o jogo.

13. Txc3 Bxe4 14. Bh6

Impede o roque.

14... Dc7 15. Dd2 Bc6 16. Te1

As brancas põem todas as peças em jogo. Aqui a torre vai exercer forte pressão sobre e7 impedindo o Ce6 de sair.

16... 0-0-0

Decisão difícil! Há que pôr o rei em qualquer lado.

17. b4 Rb8 18. c5

Mais prometedora parece ser 18. a4 com a ideia de jogar 19. a5 bxa5 20. b5 com a ideia de colocar as torres na coluna a e pressionar a5 e mais tarde a7. Não servia 18... Bxa4?? por 19. b5 cortando a retirada ao bispo, que seria ganho mais tarde. De todos os modos, depois da variante indicada, as negras, preparando d5, podiam igualar.

18... bxc5 19. bxc5 Ra8

Lógico! As negras tentam aproveitar a coluna b, aberta pelas brancas, em seu favor.

20. Bc4 Da5

Não servia 20... Tb8 por 21. Bxe6 seguido de 22. Bf4 ganhando qualidade.

21.. Dc1

Despregando.

21... g5! 1/2:1/2

As brancas são obrigadas a simplificar a posição, dada a ameaça Thg8 e Tg6. Por exemplo: 22. Bxe6 dx6! 23. Ta3 Db4 24. Bxg5 Thg8 25. Tg3 f6 26. Bh6 (de outro modo 26... h5 molestava) 26... e5 seguido de 27... Txg3 28. hxg3 e Td5 e a posição resultante deve ser empate, devido à presença de bispos de cor contrária.

Em vez de 21... g5, mais complicado era jogar a ganhar com 21... Tb8! 22. Ta3 Dxc5! 23. Be3 Cd4, com jogo muito confuso. As pretas têm dois peões de vantagem, mas as brancas dispõem de iniciativa empreendedora. Por exemplo: 24. Bxf7! Dxc1 25. Txc1 e5 (não se podia dar o duplo, devido ao mate em e7) 26. f4 Tb2! 27. Bc4 Ce2+ 28. Bxe2 Txe2 29. Txa7+ Rb8 30. Tb1+ Rc8 31. Bc5!! e não se pode parar Bd6 e Tb8 mate. Se 31... Txg2+ 32. Rf1 Td2 33. fxe5 Te8 34. Bd6 Txd6 35. exd6 seguido de Tc7+ e Tb8++. De todos os modos 21... g5 é suficiente para garantir o empate.

108 Outubro de 1977

FINAIS

A importância do final

O que é o final e como jogá-lo?

Eis algumas das perguntas que serão respondidas na série de artigos que ora se inicia

Numa partida de xadrez podemos distinguir três fases: a *abertura*, o *meio jogo* e o *final*.

Como o próprio termo indica, a *abertura* dá início ao jogo. Nela o objectivo perseguido pelos jogadores consiste no rápido e eficaz desenvolvimento das suas forças, visando o domínio do centro, onde as peças desenvolvem maior actividade.

No *meio-jogo* as peças entram em acção. É a fase das manobras e planos complicados onde intervêm grande número de figuras e peões. Aqui ocorrem as maiores escaramuças.

Com o desenrolar da partida as peças trocam-se e a posição simplifica-se. Aproxima-se o *final de partida*.

Em Portugal, é facto comprovado, o desconhecimento dos jogadores desta fase da partida de xadrez. As gafes proliferam. Se, por qualquer motivo, nos deixamos passear numa sala de um torneio português no momento de transição do *meio-jogo* para o *final* das partidas ficamos impressionados, chocados até. Os jogadores, inclusive os mais categorizados, vacilam não provocando escândalo (passe o termo) porque a isso já habituaram. Conduzem debilmente os seus jogos. Os erros (enormes) abundam falseando o resultado.

Tal situação teve consequências no modo de jogar dos xadrezistas portugueses. Fez nascer entre eles horror pelos *finais*. Estes são evitados. Desnecessariamente se fazem lances fracos para impedir a simplificação que traria o *final de partida*. Provocam-se prejudicialmente complicações com o único fito de forçar o andamento do jogo e impedir o desembocar num lógico *final*. Jogadores há, que tendo conhecimento que determinado *final* está ganho o evitam, pois não se julgam capazes de o ganhar. Criou-se assim um obstáculo ao ensino do modo correcto de os manejar.

Este receio é desnecessário, absurdo e prejudicial. É facto estatístico que a maior parte das partidas jogadas entre jogadores equilibrados e de certo nível não se decide no *meio-jogo* e sim no *final*. Uma decisão objectiva (trocar as damas ou qualquer tipo de figuras, por exemplo) pode depender do domínio de um tipo simples de *final*.

Em que consistem, afinal, os finais?

Na maior parte dos casos, entre jogadores do mesmo nível, a partida não se decide no *meio-jogo*. Os esforços de ambos os jogadores em levar de vencida o adversário,

têm como resultado a obtenção de pequenas vantagens (um peão a mais, melhor colcação de peças, melhor estrutura de peões, etc.). O material existente no tabuleiro diminui, em virtude das constantes «trocas» de peças, sem que qualquer dos reis ceda. A posição simplifica-se. Atinge-se uma nova fase da partida (*o final*) com características diferentes da anterior. O tipo de manobras e o valor de cada peça alteram-se. Já não são possíveis ataques directos ao rei (o material é escasso). Os jogadores têm agora como objectivo a exploração da pequena vantagem obtida no *meio-jogo*, procurando a vitória, ou a neutralização da mesma (por parte do defensor).

Se no *meio-jogo* se não rompeu o equilíbrio podem ainda procurar obter a vitória nesta etapa.

O rei, que havia vegetado a maior parte da partida escondido no seu campo defendendo-se de ataques, toma o comando das operações. É, muitas vezes, o primeiro a invadir a fortaleza inimiga. O valor de cada peça aumenta. É necessário organizar o pequeno exército de modo a assegurar a máxima cooperação. Raramente é possível o mate. Para obter material suficiente para o conseguir é necessário a promoção de um ou vários peões. Este é agora um dos principais objectivos estratégicos de cada bando. O papel que desempenham no jogo é assim largamente aumentado. O facto (os peões) de haver poucas figuras no tabuleiro torna-os muito perigosos pois existem poucos obstáculos no seu caminho até à 8.ª fila.

É mais fácil estudar posições com poucas peças que estudar posições de *meio-jogo* e *abertura*. Assim foram estudadas ao longo de várias dezenas de anos muitas posições de *finais*. Jogando correctamente de ambos os lados determinou-se o resultado para algumas posições. Estes *finais* são conhecidos como teóricos. É essencial conhecê-los para se jogar correctamente esta fase da partida. No estudo de um *final* mais complexo cada jogador deve ter em mente essas posições teóricas simples de modo a conduzir e simplificar a partida atingindo posições idênticas a uma posição base favorável. Jogando-a correctamente o resultado final é sempre o previsto. Assim, o jogo nos *finais* resume-se normalmente à transformação da posição em posições já estudadas.

Estudar primeiro as aberturas ou estudar primeiro os finais?

Esta questão suscita polémica nos meios xadrezísticos à dezenas de anos.

O xadrez inicia-se com o número máximo de peças no tabuleiro. Esse número vai diminuindo com o desenrolar da partida até se atingirem posições em que cada bando não possui mais que um diminuto exército de 3 ou 4 figuras e alguns peões. Desenvolve-se do complicado ao simples. Em qualquer assunto o aluno deve procurar partir do mais simples acabando no mais complicado. Logo, é natural que se procure iniciar o estudo do xadrez pelos finais.

Mas, argumentam os adeptos do ponto de vista contrário, se jogarmos mal as aberturas nunca atingiremos os finais senão em posições perdidas. A abertura é essencial e o seu estudo deve preceder o das restantes fases da partida.

É natural mesmo quase certo, que um jogador que inicie o seu estudo pelos finais perca muitos jogos nas 2 primeiras fases do jogo. Poderá até atingir um tal estado de desânimo que prescindir dos finais e se dedique exclusivamente ao estudo destas fases. Mas para este jogador será mais difícil evoluir pois não chegará a tomar contacto com as propriedades fundamentais das peças e do próprio xadrez. Averbach (jogador soviético, excelente finalista e um dos maiores especialistas no campo do ensino dos finais) afirma no prólogo do seu livro «teoria dos finais de partida». Quando se aprende xadrez, deve começar-se pela análise de posições simples com um pequeno n.º de unidades combatentes. E estas, são em geral, posições de final de partida. Analisando finais claros com as mais variadas combinações de material, o principiante pode chegar a conhecer as características especiais das diversas peças e o mecanismo da luta que sustentam umas com outras. Havendo adquirido uma sensibilidade respeitante às propriedades das diferentes peças, pode compreender mais facilmente o modo como trabalham juntas. Assim, o estudo dos finais mais simples deve preceder a análise das aberturas e meio-jogo.

Deve-se resistir, portanto, a tal desânimo. Os resultados imediatos não interessam. São os mediatos que contam. Estudando 1.º os finais cada xadrezista estará mais habilitado a compreender as demais fases da partida.

Esta secção tem por objectivo interessar os adeptos deste jogo pelos finais. Sem oportunidade de travar conhecimento com diversos aspectos e regras destas posições aqui poderão recolher algumas ideias básicas. Serão estudadas algumas das inúmeras posições essenciais dos finais. Começaremos pelos mates simples de dama, torre, bispos e bispo e cavalo e visaremos depois finais mais avançados. Não se pense que a matéria exposta nesta secção bastará para os dominar. É necessário muito mais.

Estudar muitas mais posições. E, sobretudo, praticar bastante de modo a asinalar convenientemente os princípios teóricos, empregando-os nas suas próprias partidas.

JOSÉ PEREIRA DOS SANTOS

CAMPEONATO NACIONAL

O XXXIII Nacional Absoluto

Para terminar a análise do XXXIII Campeonato Nacional Absoluto, apresentamos a partida que, na fase final, opôs o M. I. Joaquim Durão a Luís Santos.

J. DURÃO - L. SANTOS

Defesa Escandinava

1. e4 d5 2. exd5 Dxd5? 3. Cc3 Da5 4. d4!

Aproveitando a saída prematura da dama, as brancas obtêm uma clara vantagem central.

4... Cf6 5. Cf3

Aqui parece-me preferível 5. Bc4 ou até 5. Bd2!?

5... Cc6

Lance considerado como um erro pela teoria!

6. Bb5 Bd7 7. De2!

A teoria aponta apenas 7. d5 Ce5 8. Cxe5 Bxb5 9. Bd2! com grande vantagem das brancas, mas quem estará melhor depois de 7... Cb4!...?

7... 0-0-0?

As negras equilibravam facilmente com 7... a6 8. Bxc6 Bxc6 9. 0-0 e6 10. Ce5 Bb5 11. Cxb5 axb5 com excelente posição.

8. 0-0 a6 9. Bxc6 Bxc6 10. Ce5 Be8

Agora se vê a falta que faz o rei em e8. 10... Txd4 11. Cxf7 Tg8 12. Ce5 Talvez fosse a melhor hipótese negra depois de 7... 0-0-0?.

11. Be3

Ameaçando por exemplo 12. a3.

11... Cd7 12. Cc4 Df5 13. b4!

O debilitamento grave a6 permitirá uma decisiva ruptura em b5.

13... e5

A reacção no centro já vem atrasada.

14. b5 axb5

Evitando bxa6 ameaçando a7l.

15. Cx6 exd4 16. Ca7+!! Rb8 17. Cc6+! bxc6

17... Rc8 18. Bxd4 bxc6 19. Cd6+ Bxd6 20. Da6+ Rb8 21. Ba7+ Ra8 22. Tb1.

18. Tab1+ Ra7

Única para evitar a entrada de dama em a6.

19. Bxd4+ c5

Todas perdem: 19... Bc5 20. Ce5, se 19... Cc5 20. De3 Txd4 21. Dxe8 Ca6 22. Ce5, se 21... Cd7 22. Dc8, se 21... Cb7 22. Txb7+.

20... Tb5?!

Deixando escapar o espectacular 20. Tb7+!! Rxb7 21. Ca5+ Ra7 22. Cc6+ Rb7 23. Cxd8+ Rc8 24. Dxe8.

20... Cb6

Única.

21. Ta5+ Rb8 2. Cxb6 cxb6 23. Da6 Rc7 24. Da7+ Rc6 25. Ta6 Txd4 26. Txb6+ Rd5

27. Da8+ Re5?

27... Rc4 era nitidamente melhor. Deixo aos leitores o julgamento da posição, mas não acredito que as negras se safem.

28. Dxe8+ Rf4 29. De3+ Rg4 30. f3+! Rh4 31. g3+ Rh5

Se 31... Rh3 32. Df2.

32. g4+ Txg4+ 33. fxg4 Dxc4+ 34. Rh1 g6 35. Tf3.

Se 35. De5+ f5 36. Dxc8 De4+, com xeque perpétuo!

35... Be7 36. Tb3 Td8

Mais hipóteses oferecia 36... c4.

37. Td3 Txd3 38. cxd3 Bg5 39. Th3+ Bh4 40. Df3 f5 41. a4 Dxf3+ 1:0

(partida comentada por LUÍS SANTOS)



Leninegrado

«Em qualquer torneio tem de haver vencedores e vencidos, primeiros e últimos lugares!» — teria exclamado Monsieur de la Palisse, se as suas lucubrações filosóficas alguma vez se tivessem fixado no desporto. No passado número comentei a actuação de Romanichin, Tal e Smislov, os co-triunfadores e terceiro classificado do torneio de Leninegrado, e a de um semi-vencido, o campeão do mundo, Karpov, que não conseguiu mais do que o quinto posto. Falarei hoje dos xadrezistas que se colocaram nos lugares imediatos e, como é injusto que a história não reze dos fracos, deitaremos também uma olhadela para o fundo do quadro classificativo.

Seguindo o critério de que os últimos serão os primeiros, creio que uma boa maneira de ilustrar a extraordinária dureza e qualidade do torneio de Leninegrado será apresentar uma partida do lanterna-vermelha, Sérgio Mariotti. O jogador italiano, que, pelo menos nas fotografias que até nós chegaram, nunca abandonou o seu típico boné branco (se era um talismã, não lhe valeu de muito...), só fez cinco pontos nas dezassete partidas; isto é, nem sequer atingiu os trinta por cento. Mas nem sequer ele podia ser considerado um adversário fácil. Senão, vejamos a irreverência com que utilizou o Gambito Siciliano contra o soviético G. Kuzmin, vindo a obter uma bela vitória. Para continuar com os provérbios, quem não arrisca com coragem, não petisca belos mates.

S. MARIOTTI — G. KUZMIN

Defesa Siciliano

1. e4 c5 2. b4?!

Um gambito que se adapta perfeitamente ao espírito turbulento do italiano. A ideia é ocupar o centro com d4 depois de 2... cxb4, e jogar mais tarde a3 abrindo as colunas a e b para as torres. O estilo de jogo resultante é simples e agressivo, pelo que recomendamos esta variante a leitores principiantes.

2... cxb4 3. d4 d5 4. e5

Também é possível 4. exd5 Dxd5 5. c4 bxc3 e. p. 6. Cxc3, com jogo agressivo pelo peão.

4... Cc6 5. a3 Db6 6. Ce2 Bf5 7. axb4 Cxb4 8. Ca3

8. Ca3

Defendendo o duplo em c2.

8... Tc8

Aparentemente este lance é forte, pois não se vê como vão as brancas defender c2, mas...

9. Cf4!

Lógico. O ataque sobre d5 é a melhor defesa de c2.

9... Bxc2 10. Dg4 e6 11. Bb5+ Cc6

A alternativa para não devolver material era 11... Rd8! que me parece jogável, embora lave as minhas mãos de qualquer juízo sobre a posição resultante! Analise você mesmo em sua casa e verá o resultado!

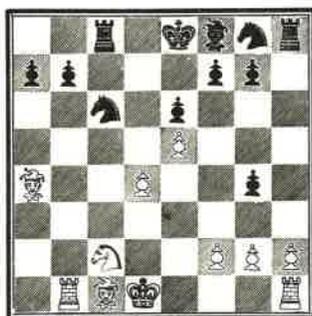
12. Cxd5 Dd8

Única, se 12... Da5+ 13. Bd2 etc. e se 12... exd5 13. Dxc8+ etc..

13. Cxc2 Dxd5 14. Tb1 h5 15. Dh3 De4+ 16. Rd1

Deu xeque? Fui!! Como diria um amigo meu.

16... Dg4+ 17. Dxg4 hxg4 18. Ba4!



Em troca do peão as brancas dispõem de boa actividade para as suas figuras. Os peões negros a7 e b7 são muito difíceis de suster. Por exemplo se agora 18... b6? 19. d5! exd5 20. Cd4 Cge7 21. Bg5 ganhando material.

18... Tc7 19. Bxc6+! Txc6

Se 19... bxc6 20. Tb8+ Re7 21. Ba3+ etc..

20. Txb7

O material é recuperado com juros! O Pa7 não tem defesa.

20... Ce7 21. Txa7 Tc8 22. Ta4 Cd5 23. Bd2 Tb8 24. Re2 Be7 25. g3! 0-0?

Este parece-me o erro fatal. Era necessário manter a pressão sobre h2, e que dificultava o jogo à Th1 e, como o Pd4 praticamente não conta, o ganho seria muito mais difícil para as brancas.

26. Ce3 Tb2

Se 26... Cxe3 27. fxe3 seguido de e4 e d5.

27. Cxd5 exd5 28. Td1 Tc8 29. Rf1

As pretas ameaçavam Tcc2 e Bg5 ga-

nhando. Assim defende-se tudo ficando a Ta4 livre para atacar os peões negros.

29... Tcc2 30. Be1 Bg5 31. Ta5

Ganha o Pd5 decidindo o jogo.

31... Rh7 32. Txd5 Rg6 33. Td6+ Rf5 34. Td7 Rg6 35. d5 Be3 36. Td6+ Rh7 37. fxe3 Txb2

Na ameaça de mate em h1 reside a última esperança das negras. Se 38. Rg1 Thg2+ repetindo a posição: 39. Rf1 Th2 etc..

38. Td2

Mariotti viu! Em tempo de austeridade é um luxo exclamar um lance destes (ainda me obrigavam a pagar algum imposto sobre o uso dos ditos pontos).

38... Tcxd2 39. Bxd2 Txd2 40. e4

O Pd5 nem o Carlos Lopes o apanhal 41. Rf2 Tf3+ 42. Rg2 Td3 43. e6 40... Tb3 fxg6 44. Txe6 Rg8 45. d6 Rf7 46. Te7+ Rf6

Se 46... Rf8 47. e5 seguindo-se uma viagem do rei branco até e6 ou o avanço dos peões.

47. e5+ Rf5 48. Rf2 Re4 49. d7 1:0

As pretas abandonam, pois não podem evitar 50. e6, 51. Te8 e 52. d8D (se 49... Td2+ 50. Re1 Re3 51. e6 Th1 52. Tf7 ou 51... Ta1 52. d8D).

Uma partida que, apesar de algumas imprecisões, teve uma abertura interessante e um final agradável de seguir.

(partida comentada por FERNANDO SILVA)

Voltando à «mó de cima» duas actuações a destacar são as de Vaganian e Kochiev. O primeiro obteve um excelente quarto lugar (com o mesmo número de pontos do campeão do mundo, mas com melhor Sonneborn), que não estaria nas previsões gerais — e talvez nem mesmo nas dele...

Por seu lado, o jovem Kochiev, o único participante ainda sem o título de grande-mestre oficializado, demonstrou o acerto da organização ao chamá-lo para substituir o norte-americano Browne, que, à última hora, se não pôde deslocar a Leninegrado. Apesar da sua relativa falta de «calo» e de se não ter podido preparar com a antecedência de que provavelmente gostaria, Kochiev obteve mais uma vitória que derrota, depois de uma actuação muito sólida, condizente com o seu ar de estudante aplicadinho.

Véjamos a interessante partida que opôs Vaganian a Kochiev, e que só é pena ter terminado empatada quando havia ainda tanto para jogar. Pelos vistos, também estavam ambos na «onda» dos provérbios: «mais vale meio ponto na mão...».

R. VAGANIAN — A. KOCHIEV

Defesa Índia de Rei

1. c4 Cf6 2. Cc3 g6 3. d4 Bg7 4. e4 d6 5. f4

O ataque dos quatro peões é uma arma agressiva contra a Defesa Índia de Rei. Esta ocupação do centro por peões custa alguns tempos no desenvolvimento, pelo que as negras deverão minar rapidamente este centro, tentando criar ameaças sobre o rei branco, antes deste poder rocar mesmo que isso custe um peão.

5... 0-0 6. Cf3 c5 7. d5

Se 7. dxc5 Da5 ameaçando 8... Cxe4 ou 8... Dxc5 impedindo o roque às brancas.

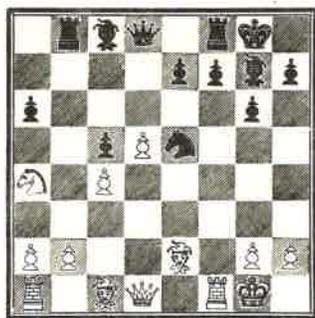
7... b5

Sacrifício de peão para acelerar o desenvolvimento. Se 8. cxb5 é possível 8... a6 com iniciativa, mais tarde, sobre os peões brancos, nas colunas a e h. Obviamente se 8. Cxb5 Cxe4 etc.. Este gambito tem ideias estratégicas semelhantes à da partida Mariotti — Kuzmin.

8. e5

Recusando o peão.

8... Cfd7 9. Cxb5 dxe5 10. fxe5 Cxe5 11. Be2 Cbd7 12. 0-0 a6 13. Cc3 Tb8 14. Cxe5 Cxe5 15. Ca4



Os lances anteriores são de fácil compreensão. Como resultado da abertura as brancas têm uma melhor estrutura de peões e preparam-se para atacar as debilidades criadas em c5 e a6 (peões isolados que não podem defender-se mutuamente). Como devem reagir as pretas? Um jogo defensivo permite às brancas consolidar a posição e mastigar mais tarde esses peões. A atitude a tomar pelas pretas será, portanto, procurar trocas de peões na ala da dama, aproveitando a maior actividade momentânea das suas figuras com realce para o Bg7, o Ce5 e a Tb8.. Mas como conseguir este objectivo, uma vez que os peões estão bloqueados? É simples Nimzovitch... aliás Kochiev dá a resposta.

15... e6! 16. Be3

Não é possível 16. Cxc5? Db6 17. Be3

Cd7 18. Cxd7 Dxe3+. Se 16. dxe6 Bxe6 e não se pode jogar 17. b3 por 17... Cf3+ seguido de Bxa1. 16. d6 também não era conveniente devido a 16... Cc6 seguido de Cd4 e Dxd6 mais tarde.

16... exd5 17. Bxc5!

Contra 17. cxd5 parece-me suficiente 17... c4 seguido de Bf5 e, eventualmente, Cd3.

17... dxc4

Este lance não leva um ponto de exclamação porque a perde a Tf8 em troca de Bc5, e um peão nem sequer é um sacrifício! É uma troca evidente que põe o Bg7 todo vaidoso porque vai passar a ter o exclusivo da diagonal a1-h8 e isto cada vez está melhor para os monopólios.

18. Bxf3 Dxf8 19. Dd2 Bf5 20. Tad1 Tb4 21. B3

Se 21. Cc3 Cd3 com as ameaças 22... Dc5+ e 22... Txb2.

21... cxb3 22. axb3 Be6!

Melhor que 22... Txb3 23. Da5 com as ameaças 24. Td8 e 24. Dxa6. Agora as brancas têm de resolver o problema 23... Bxb3.

23. Tf4! Tb8

Convém manter uma torre para defender a primeira linha. Esta retirada inofensiva ameaça 24... Bh6, pelo que Kochiev, ao efectua-la, deveria ter olhado fixamente para o Pa6 (ah! e ainda dizem mal desta nossa escola que está sempre a dar novos lances ao mundo!).

24. De3

Vaganian deve ter visto! Agora se 24... Bh6 25. Dxe5 etc..

24... Bxb3 25. Tdf1 Bd5?! 1/2:1/2

A decisão aceita-se porque depois de 26. Bxa6 a posição está rigorosamente equilibrada. Em vez de 25... Bd5?! parece-me melhor 25... a5! e, se este peão pudesse ser apoiado, seria um trunfo no sentido de conseguir a vitória. As brancas dispunham, no entanto, de bons recursos defensivos: Bloqueio do Pa5 e boa colocação central das peças. De todos os modos uma excelente demonstração de xadrez moderno.

(partida comentada por FERNANDO SILVA)

Juntamente com Kochiev, o grupo do sexto ao nono lugares integrou Balashov, Ribli e Taimanov. Este último, que, depois dos 6-0 que há três anos «encaixou» de Fischer, teria desabafado um «Bem, é melhor voltar ao piano!...» (é pianista profissional), teve um regresso positivo ao xadrez de «cinco estrelas». Além duma pontuação condigna, pode orgulhar-se de ter derrotado Karpov e Romanichin. Aliás, o jovem grande-mestre que recentemente esteve entre nós tem nítida «mala-pata» com Taimanov — nunca lhe ganhou nenhum jogo, sendo este o quarto que perdeu e, pelo menos desta vez, depois de ter usufruído de vantagem decisiva. Será mesmo que «não há mal que sempre dure»?...

Deste derradeiro grupo de jogadores com score positivo, escolhi a partida

Balashov-Mariotti, por se revestir de interesse teórico e também de uma certa espectacularidade.

I. BALASHOV — S. MARIOTTI

Defesa Eslava

1. d4 Cf6 2. Cf3 d5 3. c4 c6 4. Cc3 e6 5. e3 Cbd7 6. Bd3 dxc4 7. Bxc4 b5

A variante Merano da defesa Eslava. A ideia é realizar rapidamente c5 libertando a diagonal a8-h1 para o Bc8, ao mesmo tempo que se clarifica o centro.

8. Bd3

Melhor que 8. Bb3 b4 seguido de 9... Ba6.

8... Bb7

Este lance de Wade é o mais empregado hoje em dia. A antiga variante Merano 8... a6 está praticamente no museu.

9. e4 b4 10. Ca4 c5

O lance temático foi realizado sem perda de tempo com 8... a6.

11. e5 Cd5 12. dxc5!

Este lance parece não criar problemas às negras, pelo que é raramente empregado em partidas magistrais. Mais correntes são as continuações:

a) 12. 0-0 cxd4 13. Te1 Be7 14. Cxd4 0-0 15. Dh5

b) 12. Cxc5 Cxc5 13. dxc5 Bxc5 14. 0-0 h6 15. Cd2

b) 14. Bb5+ Re7 15. Bg5+ f6 16. exf6+ gxf6 17. Bh4 Db6

As duas primeiras parecem favoráveis às brancas e a última dá jogo duvidoso, com chances recíprocas.

12... Cxc5??

Muito fraco. Não percebo por que razão não jogou Mariotti 12... Da5!. Depois de 13. 0-0 Bxc5 14. Cxc5 Cxc5 as negras não têm problemas. O lance do texto permite iniciativa ganhante às brancas.

13. Bb5+

A chavel 13. Cxc5 invertia para as linhas normais.

13... Cd7 14. Bg5 Da5

Melhor que 14... Be7 15. Cc5! ou 14... Dc7 15. Tc1 etc..

15. Bxd7+ Rxd7 16. 0-0

Com o rei no centro e o material equilibrado poucas esperanças restam às negras.

16... Bc6?! 17. b3 Bxa4

Não me parece muito correcto ceder este bispo, mas que jogar?

18. bxa4 h6 19. Be3 Be7 20. Cd4 Thc8 21. Dh5

Atacando o flanco do rei desguarnecido as brancas dificultam um roque artificial (Rd7-e8-f8-g8, etc.).

21... g6 22. Df3

Era mau 22. Dxb6 Th8 23. Dg7 Taf8 ameaçando xeque perpétuo à dama com a Th.

2... Re8 23. Cb5 Dxa4

Amealhar peões é a única forma de ter alguma compensação pela iniciativa das brancas.

24. Cd6+ Bxd6 25. exd6 Dd7 26. Bxb6 Dxd6 27. Tfe1 Tc3 28. De4 Tac8 29. Tad1



Pelo peão as brancas têm um jogo activo e um bispo fortíssimo. O domínio da coluna c pelas negras não é eficaz, pois não existe casa segura para o seu rei. Note-se o papel da dama branca, centralizada, exercendo forte pressão tanto nos flancos como no centro.

29... Rd7 30. Dd4 T8c5 31. Bf4 Df8 Se 31... Db6 32. Dg7 etc. e se 31... Dxf4 32. Dxf4 e o Cd5 está pregado.

32. Dxb4

Recupera o peão, mantendo o ataque. 32... Da8

Agora a ameaça era 33. Db7+.

33. Da4+ Re7 34. Bg5+ f6

Triste necessidade. Se 34... Rf8 35. Dh4 Rg8 36. Bf6 Cxf6 37. Dxf6 Tc8 38. Td7 Tf8 39. Dxc3 etc., variante rectilínea, que mostra o poder ofensivo da dama branca em todo o tabuleiro.

35. De4! Cc7

Precipita os acontecimentos. Mais resistência oferecida 35... Dc6!?. Tomar o bispo também não era solução. 35... fxe5 36. Dxe6+ Rf8 37. Dxc6 e o rei vai nú. Se agora 37... Cf4 para defender o Pg5 e ameaçar mate em g2 38. Df6+ Rg8 39. Td8+ etc..

36. Bxf6+!!

Catastrófico!

36... Rxf6 37. Dh4+ g5

Se o rei recua 38. Td7+ e mate em dois, e se 37... Rf5 38. g4+ Rf4 39. Td4+ seguido de Dg3 mate.

38. Dh6+ Rf5

Se 38... Re7 39. Dg7+ Re8 40. Td7 etc..

39. Td4! 1:0

É inevitável 40. g4 mate. Se 39... g4 40. Tf4.

Uma excelente partida de ataque, com ideias estratégicas muito simples e instrutivas, mas jogada com rigor extremo por parte das brancas.

(partida comentada por FERNANDO SILVA)

Sobre os jogadores da segunda metade da tabela, pouco há a acrescentar à verdade de la Palisse com que introduzi este artigo. Qualquer deles é uma «estrela» do xadrez, possuindo no seu palmarés importantes vitórias. Só que, como no Wild West, há sempre alguém que dispara mais rápido...

Smeikal, Beliavski (que venceu Karpov na polémica partida de que falei no número anterior), G. Garcia (testemunho da constante evolução do xadrez em Cuba), Kuzmin (que nunca realizou inteiramente as grandes esperanças que a U.R.S.S. nele depositava), Gheorghiu, Knezevic,

Radulov, Vogt e Mariotti (que jogou com a dose de risco que lhe é habitual... e que se não revelou muito saudável num torneio desta força) limitaram-se a «cumprir», melhor ou pior, papel de «figurantes» deste grande espectáculo que foi o Internacional de Leninegrado.

Para terminar (e «a pedido de várias famílias»), o encontro entre os dois primeiros classificados: M. Tal e O. Romanichin.

M. TAL — O. ROMANICHIN

Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 Cf6

Este lance tem a vantagem de impedir, por exemplo, a variante das trocas, que surge depois da habitual 3... a6, com 4. Bxc6. A desvantagem é não se dispor do lance b7-b5, caso seja preciso anular a pressão do bispo sobre o Cc6.

4. 0-0

Também se pode proteger calmamente o Pe4 com 4. d3 ou 4. De2.

4... Cxe4 5. d4

Melhor que 5. Te1 Cd6 6. Cxe5 Be7.

5... Cd6 6. Bxc6 dxc6 7. dxe5 Cf5 8. Dxd8+ Rxd8

Dos 4 peões brancos da ala do rei, Tal conseguirá um peão passado, enquanto que as negras só dificilmente farão o mesmo na ala de dama. Além disto, como já não podem rocar, terão dificuldade em mobilizar as suas torres. De momento a sua única compensação consiste no par de bispos.

9. Cc3 h6 10. b3 Be6 11. Ce2!

A f4 para trocar pelo Be6.

11... Bd5 12. Cd2 a5

Tentando dar jogo à torre. Numa partida com Tchekovski, Romanichin tinha ficado pior com 12... c5 13. Bb2 Rc8 14. Cf4 Bc6 15. Cc4 Be7 16. Tad1 b6 e as brancas dispunham de 17. Cd5 e 18. Cce3, com vantagem.

13. c4 Be6 14. Cf4 a4 15. Bb2 Bb4 16. Cf3 Rc8 17. a3 Be7 18. Cxe6 fxe6 19. g4 Ch4 20. Cxh4 Bxh4 21. b4

As brancas obtêm agora linearmente um peão passado com f2-f4-f5, enquanto as negras continuam a lutar pela mobilização do seu flanco de dama.

21... c5 22. b5 Be7 23. f4 g6 24. Tad1 c6!

As negras não podem ficar à espera e consentem a total inutilização da sua maioria de peões para dar actividade, por fim, à Ta8. As brancas conseguem o seu peão passado, mas a simplificação que se seguirá e a entrada da torre negra em jogo serão suficientes para igualar.

25. f5 gxf5 26. gxf5 exf5 27. e6 Td8 28. Txd8+ Rxd8 29. bxc6 bxc6 30. Txf5 Tb8!

Finalmente! Agora a entrada da torre em b3 garante o meio ponto.

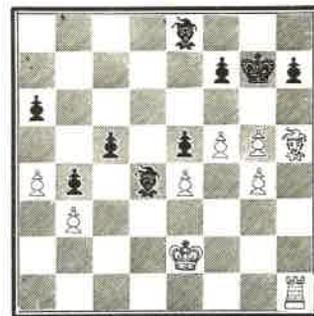
31. Bf6 Bxf6 32. Txf6 Re7 33. Txb6 Tb3 34. Th5 Rxe6 35. Txc5 Rd6 36. Ta5 1/2:1/2

(partida comentada por RUI PEREIRA)

ÁLVARO PEREIRA

Secção de

P. — 1



O lance 1... c4 é suficiente para garantir bons resultados às pretas?

2) Querias que me esclarecesse sobre a correcção do gambito Zolner (10. e5), recomendado por Alekine e também sobre as possíveis imprecisões que tivesse cometido na partida em que o apliquei.

Manuel R. P. Gonçalves — LISBOA

R. — 1) As negras devem ganhar com 1... c4!, mas a continuação tem de ser jogada com precisão:

1... c4! 2. bxc4

Se 2. Tb1? cxb3 3. Txb3 a5 seguido de Bxa4.

2... a5!

Fixa o Pa4.

3. Rd3 b3

Se 3... Bxa4? 4. Bxf7! Rxf7 5. Txb7+ Rg8 6. Tb7.

4. c5 b2

Mas não 4... Bxc5? 5. Rc4.

5. c6 Bxc6 6. f6+!

6. Bxf7 Rxf7 7. Txb7+ Rg8 8. Th1 Bxa4 com vantagem decisiva.

6... Rg8 7. Bxf7+ Rxf7 8. Txb7+ Re6! 9. Th1 Bxe4 ganhando, ou 5. Rc4 Bc6! 6. Rd3

6. Bxf7 Rxf7 7. Txb7+ Rg8 (7... Re6?? 8. Te7++) 8. Th1 Bxe4.

6... Bxc5!

6... Bxa4 7. Bxf7.

7. Bxf7 Rxf7 8. Txb7+ Rg8 9. Th1 Bf8! e ganha com o avanço do Pa5.

2) 1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 g6 6. f4 Bg7!

É preferível 6... Cc6, controlando e5. 7. Be2

Melhor 7. e5! dxe5 8. fxe5 Cfd7 9. e6 Ce5 10. Bb5+ Cbc6 11. exf7+ Rxf7 12. 0-0+ Bf6 13. Cxc6 bxc6 14. Dxd8 Txd8 15. Ba4 com ligeira vantagem no final.

7... Cc6 8. Be3 0-0 9. 0-0 Db6 10. e5 dxe5 11. fxe5 Cxe5 12. Cf5 Dxb2 13. Cxe7+ Rh8 14. Bd4 Db4 15. Bxe5 Dxe7 16. Dd4 Ce8 17. Bxg7+ Cxg7

Até aqui tudo está no livro. No entanto, embora Alekine tenha dito que após 14. Bd4 as brancas ganhavam, a teoria evoluiu, naturalmente, depois dele. Geler aconselha 18. Bd3 com compensação pelo peão sacrificado.

Vem aí o Spasski - Korchnoi

Superioridade flagrante de Korchnoi, agora radicado na Alemanha, que cilindrou Polugaevski na primeira parte do *match* e depois cumpriu o calendário, empatando as cinco últimas partidas (contrariamente ao noticiado no número anterior em que se dava a vitória de Korchnoi na 12.ª).

KORCHNOI	1	1	1	1/2	1/2	1	1	0	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	8 1/2
POLUGAEVSKI	0	0	0	1/2	1/2	0	0	1	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	4 1/2

Spasski superou as expectativas. A sua brilhante vitória na 9.ª partida e a técnica da 13.ª e 14.ª prometem o seu regresso aos melhores tempos, o que é confirmado por declarações de autoconfiança: «*Não considero que a ausência de um segundo constitua uma desvantagem. Para ter confiança em mim próprio devo trabalhar só*». Smislov, todavia, deu uma ajuda na parte final do *match*.

Portisch confirmou a opinião que dele temos: bom tecnicamente, dedicando muitas horas de trabalho ao xadrez, mas falta-lhe aquilo que distingue o génio do simples talento.

SPASSKI	1/2	1/2	0	1/2	1	1/2	1/2	0	1	1/2	1/2	1/2	1	1	1/2	8 1/2
PORTISCH	1/2	1/2	1	1/2	0	1/2	1/2	1	0	1/2	1/2	1/2	0	0	1/2	6 1/2

Entretanto, vem aí o Spasski-Korchnoi. Diz-se que é em Novembro e se disputará na Inglaterra. O direito de defrontar Anatoli Karpov para o título máximo é o cerne da questão.

V. KORCHNOI - L. POLUGAEVSKI

7.ª partida — *Eslava*

1. c4 Cf6 2. Cc3 e6 3. Cf3 d5 4. d4 e6 5. e3 Cbd7 6. Bd3 dxc4 7. Bxc4 b5 8. Bd3 Bb7

A variante Wade da Merano, praticada por Larsen até há pouco. O objectivo estratégico é o mesmo da variante Reynolds 8... a6, isto é, conseguir-se libertar com c5, em boas condições.

9. 0-0

Parece não criar particulares dificuldades às negras, e, todavia, Potugaevski fez apenas 1/2 em 3 nesta variante, durante o *match*! Mais agressivo é 9. e4 b4 10. Ca4 c5 11. e5 Cd5 e, agora, as alternativas principais são: 12. Cxc5 Cxc5! 13. dxc5 Bxc5! 14. Bb5+ Re7! 15. 0-0 (15. Bg5+? f6 com superioridade) Db6 e as negras estão melhor, Uhlmann-Larsen, candidatos 1971, 14. 0-0 h6 15. Cd2 Cc3!? com jogo confuso, Polugaevski-Mecking, Manila 1975, 12. 0-0 cxd4 13. Te1 g6 14. Bg5 Da5! Gligorich-Liubojevich, Jugoslávia 1976.

9... b4 10. Ce4 Be7

Para dificultar e4 as negras podem jogar 10... Cxe4 11. Bxe4 Be7 12. Da4 0-0 e o Pc6 é tabu: 13. Bxc6? Cb6 14. Db5 a6.

11. Cxf6+ Cxf6 12. e4 0-0 13. Dc2

Objectivo duplo: dificultar a libertação negra com c5 e ameaçar h7 como quem não quer a coisa. Todavia o lugar ideal para a dama é e2.

13... h6 14. Be3 Tc8 15. Tfd1 c5

Apesar de tudo.

16. dxc5 Cg4 17. Bd4 e5

Assim o peão se pode manter, pois a 18. Cxe5? Cxe5 19. Bxe5 Txc5 e a 18. Bxe5? Cxe5 19. Cxe5 Txc5.

18. h3 exd4 19. hxg4 Txc5

Contra 19... Bxc5 devia seguir a mesma resposta, 20. Dd2, para pressionar no flanco de rei com g5, porém os peões avançados estariam defendidos.

20. Dd2 a5 21. Tac1

As brancas têm vantagem na sua melhor colocação de figuras. As negras dificilmente encontrarão um plano válido.

21... Dd7

Se 21... Txc1 22. Txc1 ameaçando 23. Tc4.

22. Txc5 Bxc5 23. g5! hxg5

As negras têm dificuldades para defender o rei: se 23... h5 24. g6! fxg6 25. Bc4+ Rh8 26. Ce5 De8 27. Dg5 ganhando a qualidade, e se 25... Rh7 26. Cg5+ Rh8 27. Ce6 Tc8 28. Dg5 Bd6 29. Txd4: Digno de atenção era 23... De6.

24. Dxc5 De7

24... Be7 25. Dxa5 Ta8 26. Dh5 Txa1 27. Bc4.

25. Dh5 g6 26. Dh6 Df6 27. Bc4 d3

Tenta contra-jogo com os bispos sobre o rei branco. Errado seria 27... Bxe4 28. Cg5, ganhando peça.

28. e5 Df5

Se 28... Dg7 29. Dg5 e a dama negra está fora de jogo.

29. Txd3 Be4 30. Td6! Dg4

Se 30... Dh5 31. Dxb5 gxh5 32. Ta6 e as negras têm possibilidades de empatar. Obviamente, se 30... Bxd6? 31. Cg5. O lance do texto ameaça 31... Bxd6.

31. Tf6 Bf5

Perante a ameaça de 32. Tf4. Se 31... Bxf3 32. Txc6+.

32. b3

Se 32. Cg5? Bxf2+! (32... Dh5 33. Dxb5 gxh5 34. Txf5) com xeque perpétuo.

32... Bd4

Se 32... Be7 33. Cg5 e se 32... Dg3 33. e6! Dxf2+ 34. Rh1.

33. Cxd4 Dxd4 34. Txc6+! Bxc6 35. Dxc6+ Rh8 36. Dh6+ Rg8 37. e6!

Ameaça 38. exf7+ Txf7 39. Dg6+.

37... De4 38. exf7+ Txf7 39. Df6 Db1+ 40. Rh2 Dh7+ 41. Rg3 Dd3+ 42. f3 Dxc4 43. Dd8+ 1:0

18. Cd5? Dd6?

18... Dxe2! 19. Tae1 Db5 20. Cc7

Dd7 com vantagem, mas não 19... Dg4?

20. Te4 Dd7 21. Te7 Dd8 22. T1xf7!

Txf7 23. Txf7 Dg8 24. Df6.

19. Tf4

Melhor 19. Tf6.

19... Be6 20. c4 Tac8 21. Taf1 Dc5

22. Dxc5 Txc5 23. Bd3

Melhor 23. Cf6 seguido de Th4.

23... f5

Preferível 23... b5!

24. Ce3 Td8 25. Td1 g5 26. T4f1 f4

27. Be4 Txd1 28. Txd1 Rg8 29. Cd5 Cf5

Devia ter sido jogado 29... Txc4.

30. Cf6+?

Melhor era 30. Bxf5 Bxf5 31. Ce7+

Rf8! (31... Rf7 32. Cxf5 Txf5 33. Te7+

Rg6 34. Txb7) 32. Te7 Tf7 33. Te5 h6

com ligeira vantagem negra.

30... Rg7 31. Ce8+ Rf7 32. Bxf5

Bxf5 33. Cd6+ Re7 34. Cxb7 Txc4 35.

Td5?

35. Cd6 Tc5 36. Cxf5 Txf5 37. Tb1

com igualdade, mas as negras melhoram

com 35... Bc2! 36. Td2 Tc5 37. Cb5 a6

38. Cd4 Bg6 39. Rf2 Rf6 com vantagem.

35... Tc1+ 0:1

P. — Num problema em que vem um determinado número de lances para dar mate, não é possível uma solução com número inferior de jogadas? Concretamente: na RPX n.º 4, no problema II de J. Halumbirek, Rui Nascimento diz o seguinte: 1. Ba3?? Cb7 2. Be7 B e não é possível dar mate. Mas porquê 2. Be7 e não 2. Tf1++?

Carlos A. Sousa — ESTORIL

R. — Claro que, por vezes, as obras dos compositores apresentam erros, pelo que, nesses casos, os problemas são considerados demolidos. Todavia tal não se passa com o problema em questão, já que 2. Tf1++ não é possível, pois a torre está em a2 e não em a1.

P. — Fischer já abandonou a modalidade? Qual a sua última pontuação Elo? E a de Karpov após o último torneio de Palma de Maiorca ou imediatamente antes dele?

Alfredo J. F. Costa — OLIVEIRA DE AZEMEIS

R. — Apesar das notícias que por vezes aparecem sobre os contactos havidos para a realização de um *match* entre Fischer e Karpov, a verdade é que o ex-campeão mundial se mantém afastado da prática do jogo, desde o seu *match* com Spasski. A sua última classificação Elo, referente a 1 de Janeiro de 1973, era de 2780 pontos.

Karpov tinha 2715 antes e 2735 depois de Palma.

VICTOR SILVA

VICTOR SILVA

A cilada na abertura

Nesta série de artigos sobre a «cilada na abertura», temos mostrado alguns exemplos ocorridos com diversas aberturas, em que o factor comum são os lances 1. e4 e5. E antes de passarmos às possíveis ciladas que possam ocorrer dentro da abertura Espanhola (ou RUY LOPEZ), sem dúvida a abertura mais importante e também mais antiga, depois dos primeiros lances acima referidos, ilustraremos hoje esta secção com mais alguns exemplos em que as brancas não jogam a «Espanhola».

DONISTHORE - N. N.

abertura dos três cavalos

Incluimos esta partida nesta secção, apesar de não se conhecer o nome do jogador das negras nem o local e data onde aconteceu, porque na realidade a posição final, além de bastante bonita, tem um sacrifício de dama bastante raro.

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Cc3 d6 (apesar de Keres considerar esta continuação tranquila e aceitável, os lances mais usuais são 3... g6 e 3... Cf6) 4. d4 Bg4 5. Be3 f5 6. d5 fxe4 7. Cxe4 Cce7 8. c4 Cf6 9. Cxf6+ gxf6 10. h3 Bd7? (Cede às brancas a diagonal d1-h5, que como se verá terá efeitos desastrosos para as negras) 11. Ch4 Cg6 12. Bd3 Cxh4?? (apesar da grande superioridade das brancas, era necessário jogar Tg8 se bem que depois de 13. Dh5 as negras continuassem com uma série de problemas, por resolver) 13. Dh5+ Cg6 14. Bxg6 Re7 (do mal o menos era preferível dar a qualidade com hxg6, no entanto as negras não contavam com um remate tão inesperado como...)



15. Dxe5+!! e as negras abandonam pois, quer dxe5 quer fxe5 levam ao mate com Bc5++ e Bg5++ respectivamente.

ABONYI - HROMADKA

Praga, 1908

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Cc3 Cf6 (depois destes lances a abertura toma o nome

de «4 cavalos») 4. Bb5 Cd4 (a alternativa é continuar com a variante simétrica 4... Bb4 5. O-O O-O 6. d3 d6 7. Bg5 Bxc3!, não é conveniente seguir com 7... Bg4 por causa da resposta 8. Cd5. O lance 4... Cd4 foi introduzido pela primeira vez, na prática de torneios magistrais, numa partida jogada, no torneio de Monte Carlo, 1902, entre Maróczy e Marshall. No entanto foi Rubinstein quem mais a estudou e utilizou, recebendo por isso, esta variante, o seu nome) 5. Ba4 c6 6. O-O Bc5 7. Cxe5? (As brancas caem na tentação de ganhar um peão no entanto as negras tinham um «trunfo na manga» que se revelará muito forte. Era preferível jogar 7. d3 d6 8. h3 com jogo sensivelmente igual) 7... d6 8. Cd3 Bg4 9. De1 (se 9. f3 Cxf3+)



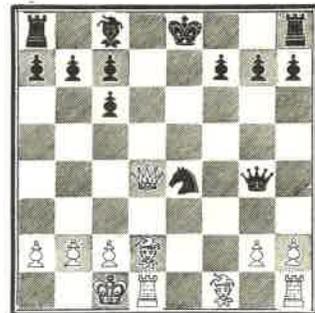
9... Cf3+! 10. gxf3 Bxf3 (as negras ameaçam Dd7 e Dg4+) 11. e5 O-O! 12. exd6 (se 12. exf6 Dxf6 13. Ce4 Dh4 14. Cg3 Tae8 ganhando) 12... Cg4! (as negras ameaçam Dh4 com ataque irresistível ao peão de h2. Se 13. Cxc5 Dh4 conduz ao mate) 13. De7 Bxd6!! E as brancas abandonam pois não podem defender a dama e o mate em h2 ao mesmo tempo.

MACZUNSKI - KOLISCH

Paris, 1864

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. d4 (depois deste lance a abertura toma o nome de Escocesa) 3... exd4 4. Cxd4 Dh4 (lance que se atribui ao ex-campeão do mundo Steintz, a teoria actual aconselha 4... Cf6 ou 4... Bc5) 5. Cc3 (interessante é 5. Cf3 Dxe4+ 6. Be2 Bb4+ 7. c3 Bc5 8. O-O Cge7 9. Tc1 com vantagem de desenvolvimento que compensa o peão) 5... Bb4 6. Dd3 (outra alternativa é 6. Cdb5 Dxe4+ 7. Be2 Bxc3 8. Cxc3 Dxc2 9. Bf3 Dg6 10. Cd5 com iniciativa) 6... Cf6 7. Cxc6 dxc6 8. Bd2 Bxc3 9. Bxc3 Cxe4? (as negras caem na tentação de ganhar peões, não cuidando de resguardar o seu

rei num sítio mais seguro, que o meio do tabuleiro) 10. Dd4! De7 11. f 0-0 Dg5+ 12. f4! (sacrifício de atracção é a designação que em xadrez se dá a esta súbita entrega de peão) 12... Dxf4+ 13. Bd2 Dg4 (agora se compreende a intenção do 12.º lance das brancas, as negras não podem jogar Cxd2 pois este está «cra-vado»).



14. Dd8+! Rxd8 15. Bg5+ seguido de mate.

FRASER - TAUBENHAUS

Paris, 1888

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. d4 exd4 4. Cxd4 Dh4 5. Cc3 Cf6? (como vimos no exemplo anterior o lance correcto é 5... Bb4) 6. Cf5 Dh5 7. Be2 Dg6 8. Ch4 e as negras perdem a dama.

BERHOLD - KREUTZAHLE

Berlim, 1941

1. e4 e5 2. d4 exd4 3. c3 dxc3 4. Bc4 cxb2 5. Bxb2 (esta é a posição básica do gambito dinamarquês. As brancas sacrificam dois peões para activarem as peças, no entanto esta abertura está hoje em dia refulmada pelo que é raro verificar-se em partidas de torneio) 5... d6 (a melhor resposta nesta posição é 5... d5 e depois de 6. Bxd5 Bb4+ 7. Cc3 Bxc3+ 8. Bc3 Cf6 9. Df3 Cxd5 com vantagem das negras) 6. Cf3 (interessante é 6. f4) 6... Bg4? 7. Bxf7+! Rxf7 8. Ce5+ Re8 9. Cxg4 Cf6? 10. Cxf6+ gxf6 11. Dh5+ Re7 12. Bxf6+!



As pretas abandonam pois perdem a dama depois de 12... Rxf6 13. Dh4+.

TOMÉ DUARTE

PROMOÇÃO PARA ESTUDANTES



PARA DESENHAR
SEM PROBLEMAS
COM TINTA DA CHINA



CONJUNTO C/2 CARTUCHOS DE TINTA = *Apenas* **esc. 395,00**

- ① Estojo **stano-pen** para 3 canetas
- ② Duas canetas técnicas completas
- ③ Abraçadeira para compasso

VENDE-SE NAS PAPELARIAS, EM TODO O PAÍS.

REPRESENTANTE: JERÓNIMO & ALVES, LDA - Rua Penha de França, 223 - Telef. 82 25 95 - LISBOA

Xadrez às cegas na Academia de Coimbra

A Associação Académica de Coimbra organizou o seu II Torneio «às Cegas».

Em provas deste tipo, os jogadores conduzem as partidas sem ver o tabuleiro nem as peças, sendo os lances anunciados em voz alta. Um árbitro auxiliar anota as jogadas, e reproduz a partida numa sala anexa.

Um dos interesses desta curiosíssima modalidade, quase inédita entre nós, consistirá na exercitação do cálculo e do raciocínio fundamentalmente ao nível da capacidade de estabelecer relações espaciais. Contudo, e embora todos os jogadores se devam esforçar por praticar o xadrez às cegas, ele está obviamente fora das possibilidades dos menos experientes.

Participaram dez jogadores divididos em duas séries. O ritmo era de hora e meia para os primeiros trinta lances, e perdia-se uma partida ao segundo lance ilegal.

Com bastante entusiasmo, razoável assistência e muitos apuros de tempos, Fernando Aldos e Carlos Quaresma ganharam as suas séries invictos, e defrontaram-se na finalíssima, de que saiu vencedor o primeiro.

Transcrevemos a partida contemplada com o prémio da beleza:

CARLOS QUARESMA-FIRMINO SILVA
Sistema Réti

1. Cf3 Cf6 2. c4 d5 3. g3 d4 4. Bg2 Cc6 5. 0-0 e5 6. b4! (6. d3 Cd7=) Cd7 (6... Cxb4 7. Cxe5; 6... Bxb4 7. Cxe5!; 6... e4!?) 7. b5 Ccb8 8. d3 Be7 9. Ca3! 0-0 10. Cc2 c5 11. e3 f6 (11... f5!) 12. Bd2 De8? (12... a6!?) 13. Te1 Cb6 14. Ch4 g5 15. Cf3 Bf5 16. exd4 cxd4 17. Cfxd4! exd4 18. Bb4 Tf7 19. De2 Rf8 20. Cxd4 Bc8 21. c5 Ca4 22. Bd5 Tg7 23. Bxb7! Bxb7 24. Ce6+ Rg8 25. Cxg7 Rxg7 26. Dxe7+ Df7 27. c6 Bxc6 28. bxc6 Cxc6 29. Dd6 Te8 30. Bd2 (30. Tc1+—) e as pretas abandonam pouco depois. 1:0

Campeonatos Nacionais de Rápidas

Disputam-se no fim de semana de 29 e 30 de Outubro os VII Campeonatos Nacionais de Partidas Rápidas, individual e por equipas. A prova tem lugar em Coimbra, e aguarda-se uma participação *record*, quer pelo aumento ultimamente verificado no número de jogadores e grupos, quer pelo facto de a FPX subsidiar a deslocação das equipas representativas dos clubes filiados. Mas para participar não é preciso estar inscrito na Federação.

Nos Campeonatos realizados o ano passado em Abrantes, sagraram-se vencedores António Pereira dos Santos e o Sport Lisboa e Benfca-A.

PARA RESOLVER

Combinações



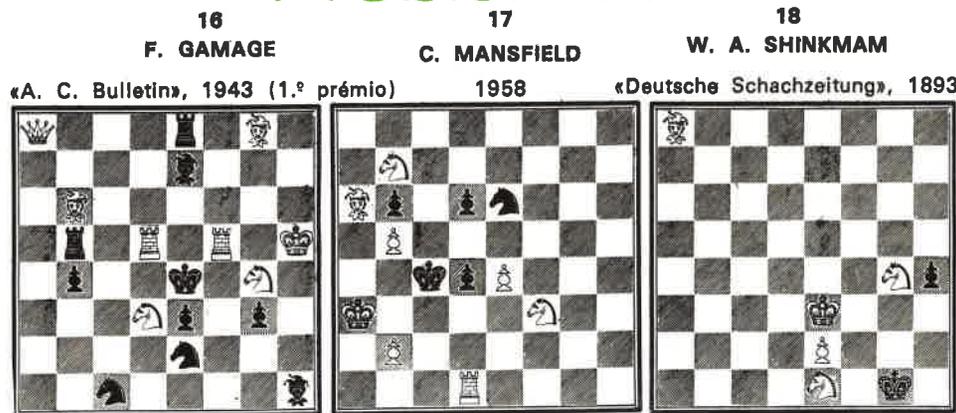
Jogam as brancas e empatam Jogam as pretas e ganham Jogam as brancas e ganham

Estudos e Finais



As brancas jogam e ganham As brancas jogam e empatam As brancas jogam e ganham

Problemas



Mate em 2 lances

Mate em 2 lances

Mate em 4 lances

Soluções

COMBINAÇÕES

13 (Vladimirov-Haritonov, URSS 1977).
1. Df6+! Cf6 2. Bc5+ 1:0
14 (Capablanca - N. N., Havana 1912)
1. Cc4! dxc4 2. Bxc4+ Chf7 3. Txd6! 4. Cxe5 Bec5 Td1 De7 6. Td7! Bxd7 7. Cxd7 Tfc8 8. Dc3 Txc4 9. bxc4 1:0
15 (Grunfeld-Alekine, Carlsbad 1923)
1... Txd4 2. fxe4 (se 2. exd4 Bxd4+ 3. Rf1 Cf4 4. Dd2 Dc4+ 5. Re1 e3) 2... Cf4 3. exf4 Dc4 4. Dxc4 Txd1+ 5. Df1 Bd4+ 0:1

ESTUDOS FINAIS

13 (A. Herberg) 1. Rc5 Rb7 2. Rc4 Rc6 3. Rd4 d6 4. e6 d5 5. Re5 ganha.

14 (A. O. Herbstmann) 1. Ce5 Bb2+ 2. Re4 Bxe5 3. Rf5 ganha.
15 (F. Simkhovich) 1. Rf1 f2 2. Bf4 Bd6 3. Bh6 Bf4 4. Bf8 Bd6 5. Ce7 ganha.

PROBLEMAS

13 (M. Marble e H. W. Bettmann 1. De8. 4 variantes pelo peão negro. Um tema «Pickaninny».
14 (K. Junker) 1... Rxg1 2. Cf3++; 1... Rg3 2. Cf1++. Bloqueio. Chave: 1. Tb4!! com 2 mates adicionais.
15 (H. Grasemann) 1. Re4??, ameaça 2. De3+, mas o ensaio falha por 1... Bd2. Solução: 1 Rd4 Bf2+ 2. Re4 Be1 3. De3++.